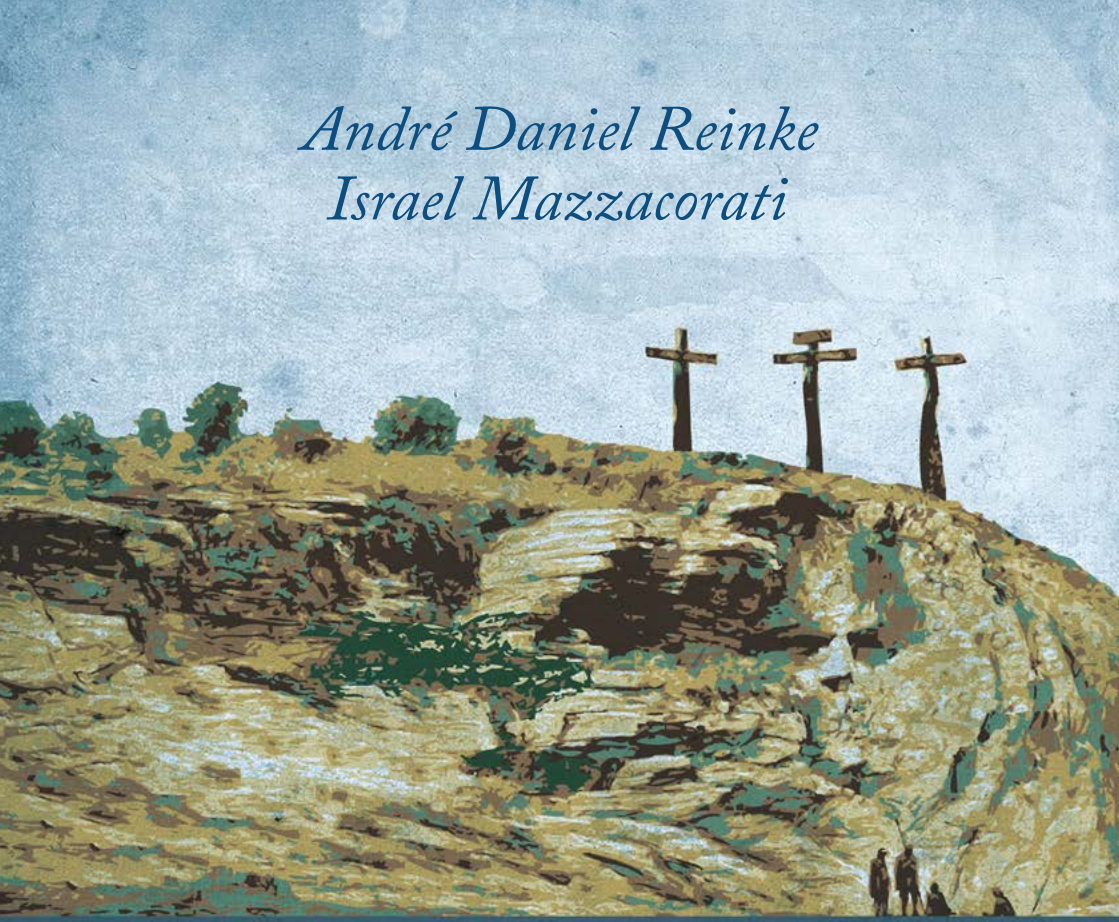
André Daniel Reinke
Israel Mazzacorati



O NOVO TESTAMENTO

Curso Intensivo

André Daniel Reinke
Israel Mazzacorati

O NOVO TESTAMENTO

Curso Intensivo

Copyright©2021 –André Daniel Reinke e Israel Mazzacorati
Reprodução proibida
Disponível gratuitamente em
https://andredanielreinke.com.br/category/cursos/

Este livro foi projetado para ser lido em suporte digital.
Se você quiser imprimir, sugerimos escolher a opção "Múltiplas páginas por folha" no box da impressão, selecionando 2 páginas.
O resultado será um texto de tamanho adequado à leitura.

Apresentação

Você tem em mãos um curso bíblico intensivo desenvolvido para o estudante leigo da Bíblia. Este curso dá sequência ao estudo do Antigo Testamento já escrito e publicado, que seguia uma proposta cronológica de estudo das Escrituras. Ao estudarmos o Antigo Testamento, adotamos a Teologia da Promessa de Walter Kaiser Jr. como eixo temático fundamental, entendendo como Deus foi revelando passo a passo aquilo que faria para salvar a humanidade. Para entender esse processo, abandonamos o estudo "livro a livro" e adotamos a visão cronológica dos fatos ao longo de milhares de anos da história bíblica em direção ao cumprimento do Emanuel – a presença de Deus conosco.

O estudo do Novo Testamento que você tem em mãos segue a mesma proposta. Ao invés de estudarmos as obras neotestamentárias livro a livro, nos concentraremos em demonstrar como Deus cumpriu as promessas do Antigo Testamento na pessoa de Jesus Cristo, segundo as narrativas apostólicas, e como Deus mesmo, na pessoa do Espírito Santo, continuou presente com sua igreja.

Como funciona a proposta cronológica? Primeiro estudaremos a vida de Jesus Cristo baseado em uma "harmonia dos evangelhos", entendendo a vida de Cristo em seu caminho até a cruz e a ressurreição. Depois, vamos verificar como a igreja cristã teve origem na vinda do Espírito Santo e como toda a obra de expansão do Evangelho se deu pelo impulso e atuação deste mesmo Espírito. Para tanto, estudaremos o livro de Atos e vamos inserir em sua cronologia as cartas, especialmente as paulinas. Depois de Atos, a história cristã primitiva nos conduzirá para as demais obras registradas no Novo Testamento até o Apocalipse.

Como funciona este curso

Este curso é livre e você pode fazer as leituras seguindo o seu ritmo. Conforme o texto avança há *links* para visualizar mapas, gráficos e vídeos que lhe ajudarão com informações necessárias para compreensão dos contextos. A cada etapa vencida há paradas para a leitura de capítulos bíblicos selecionados com o objetivo de entender a proposta global – que é a cronologia da ação divina na história por meio de Cristo e do Espírito Santo. A seleção desses capítulos tem a intenção de tornar a leitura potencialmente proveitosa para a compreensão geral do Novo Testamento, dando pouca ênfase às questões específicas ou controversas.

Se você quiser disciplinar seu estudo, sugerimos a tabela da próxima página, dividindo o curso em blocos para terminar em 7 semanas. Com alto ritmo, ou lentamente, não importa. O que você deve fazer é ler essa apostila, conferir sempre os textos na sua Bíblia e pedir a Deus que lhe dê sabedoria para compreender o essencial deste curso: a nossa salvação e a obra de comunicação dessa verdade foi obra exclusivamente divina. *Soli Deo Gloria*.

Sugestão de estudos

Semana	*Títulos dos capítulos de cada bloco semanal*	*Páginas de início e fim do bloco*	*Quantidade de páginas a serem lidas*	*Capítulos da Bíblia a serem lidos*
1	Introdução A vinda de Jesus Cristo	6 a 10	5	6
2	O ministério de Jesus Cristo	11 a 21	10	24
3	A vitória de Jesus Cristo	22 a 31	9	17
4	Os atos do Espírito Santo	32 a 43	11	13
5	Até os confins da Terra	44 a 57	13	31
6	A continuidade da missão	58 a 67	9	25
7	O fim da Era Apostólica Conclusão	68 a 79	11	14

A vinda de Jesus Cristo

O Antigo Testamento apresenta uma série de profecias que parecem um aglomerado de imagens difíceis de conciliar. Entretanto, como vimos no estudo intensivo do Antigo Testamento, trata-se de uma promessa: um grande povo que seria bênção a todos os povos. Daí o anúncio de personagens e metáforas as mais diversas: viria um profeta maior do que Moisés, o Ungido (Messias) que seria um rei eterno, um servo sofredor, um pastor bondoso, um sacerdote, o Filho do Homem, Emanuel... Então, fica a pergunta: como tantas promessas se articulariam? Vamos então fazer uma breve visita à vida de Jesus e de como podemos compreender o que significou sua vinda a nós.

Logos, o Cristo preexistente

João usa a palavra *logos* para descrever a Cristo no início do evangelho que leva o seu nome. A ideia de *logos* vem do filósofo Heráclito (século VI a.C.), para quem seria um "princípio eterno de ordem no universo". É o *logos* que faz com que o mundo seja um cosmos ordenado. Esse é um princípio inicial a partir do qual

muitas filosofias foram desenvolvidas, podendo ser descrito como a "razoabilidade" ou o fundamento da mente e do universo que integra todas as coisas existentes. Disso decorre a nossa palavra "lógica", por exemplo. De certa maneira há alguma proximidade com a sabedoria do Antigo Testamento, fundamento da boa criação de Deus (Pv 8:22-31).

Entretanto, embora esteja partindo da palavra e de certa maneira do conceito grego de *logos*, o apóstolo João não permanece preso a ele. O *logos* grego é impessoal e incomunicável com o mundo. Está em outra esfera. Já em João há um rompimento pleno com a filosofia grega neste sentido, porque para ele o *logos* veio ao mundo e se tornou homem (Jo 1:1-14). Por isso, João apresenta o Cristo como: 1) preexistente e agente da criação; 2) divino, pois o *logos* estava com Deus e era Deus; 3) pessoal, identificado com Deus, mas distinto do Pai; 4) encarnado como homem, demonstrando que Deus entrou na história em carne e osso por meio de Cristo; 5) e por meio desse Deus revelado em homem é entregue a luz, a graça, a verdade e o próprio Deus.

Ou seja, o *logos* trouxe Deus aos homens para participarem da essência de Deus. A própria vinda de Cristo é a invasão de Deus na história, manifestando-se como um de nós e cumprindo o propósito de Deus de habitar no meio do seu povo (Jo 1:14-18; 14:5-10). E isso aconteceu em uma história muito específica, no contexto do Império Romano.

Pare a leitura por aqui e veja os vídeos de **contexto do Império Romano** e da **Palestina no tempo de Jesus** no link abaixo:
https://youtu.be/z6sIQe4VCA4

Pare a leitura por aqui e veja o mapa do **Império Romano** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Roma.jpg

Um rei entre os pobres

As narrativas bíblicas apresentam o nascimento de Jesus com tintas bastante festivas – afinal, tratam da vinda do Messias e Salvador de Israel. Há uma série de personagens que trazem significados muito interessantes, alguns deles relacionados diretamente ao Antigo Testamento. São figuras emblemáticas, envolvidas na revelação de que aquele simples bebê nascido na beirada do mundo tinha significado especial, cumprindo antigos sonhos e profecias dadas a Israel.

O primeiro deles é Zacarias (Lc 1:5-25), sacerdote em Jerusalém que recebeu a revelação do nascimento de João Batista, aquele que precederia a vinda do Messias. Mais adiante, o próprio Zacarias cantaria o *Benedictus*, o hino anunciando a visita do Deus de Israel ao seu povo, redimindo e trazendo a salvação à casa de Davi (Lc 1:67-79). A segunda figura é Maria (Lc 1:26-56), uma adolescente que recebeu o anúncio angélico da gravidez do Espírito Santo. Essa menina compôs um hino no qual também Deus era louvado pelo envio da salvação a Israel, o olhar de bondade divino para com os famintos deste mundo.

Não trataremos aqui da anunciação angelical aos pastores no campo, nem dos magos vindos do Oriente. Essas histórias conhecemos de todos os Natais. Os outros personagens que vamos destacar estão igualmente ligados ao passado de Israel e são apresentados na figura de dois idosos, ambos encontrando o bebê Jesus em pleno pátio do templo de Jerusalém por ocasião de sua

circuncisão: o primeiro era Simeão (Lc 2:22-35), um idoso que tomou o bebê no colo, agradeceu a salvação de todos os povos que viria por meio dele; e a segunda, Ana (Lc 2:36-38), uma viúva entusiasmada a respeito da libertação de Jerusalém chegando ao povo de Deus. Todos esses personagens ligaram a vinda de Jesus às profecias do Antigo Testamento como cumprimento da libertação de Iahweh.

O último personagem merece um destaque, pois trata-se de João Batista, o filho do sacerdote Zacarias (Mt 3:1-3). Segundo o próprio Cristo, o Batista foi o maior dos profetas e está diretamente relacionado com a expectativa da vinda do Messias de Israel. Ele era uma figura ruidosa, tida pelo povo como o retorno do antigo profetismo. Daí as constantes referências à sua semelhança com Elias e as menções à "voz que clama no deserto" de Isaías. João Batista, primo de Jesus, anunciava a vinda do Reino de Deus – e, como tal, a iminência da chegada daquele que purificaria a nação para o encontro com o Santo de Israel.

Todas essas palavras sobre a libertação de Israel, a salvação do povo e a vinda de Deus aos famintos não foram pronunciadas como metáforas de algo celestial a ser recebido no pós-morte. Eram clamores encarnados na realidade dura de um povo oprimido sob um império terrível como o romano. Jesus foi enviado por Deus para uma província pouco desejada, rebelde e próxima dos perigosos partas. E, nesta região de pouco prestígio, o Salvador nasceu na periferia, longe também dos grandes centros urbanos, em uma vila pobre do interior da Judeia, deitado em um coxo de animais (Lc 2:11-12). Sua infância também se daria entre os pobres da terra, na insignificante Nazaré da Galileia.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

JOÃO:	1	LUCAS:	1	2	3	MARCOS:	1.1-13	MATEUS:	3

Veja o mapa da **Palestina Romana** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Palestina-Jesus.jpg

Exercícios de fixação
A vinda de Jesus Cristo

1. Qual é a grande diferença entre o *logos* da filosofia grega e o *logos* empregado por João?
2. Quais são as características do Cristo como o *logos*?
3. O que Zacarias, Maria, Simeão, Ana e João Batista nos permitem afirmar sobre a relação de Jesus com o Antigo Testamento?
4. O que as narrativas sobre o nascimento de Jesus, a cidade em que ele fora criado e as expressões de gratidão a Deus nos cânticos de Maria e de Zacarias dizem sobre a situação e a esperança daquele povo?

Respostas a partir da página 81.

O ministério de Jesus Cristo

Os evangelhos são narrativas concisas da vida e obra de Cristo. Trataremos deles mais adiante. Eles são escritos tardios em relação aos eventos narrados, e possuem um recorte específico de seus autores. Por isso, embora tragam uma abundância de informações sobre Jesus, a rigor essas informações estão centradas na sua missão no mundo, o que está relacionado ao Reino de Deus na obra da cruz e da ressurreição. Por isso, as narrativas caminham para esse grande final. A rigor, temos poucas informações sobre o galileu Jesus enquanto pessoa social. Não sabemos como foi sua infância, se estudou ou não, sua juventude – a não ser o fato de ter aprendido o ofício de marceneiro com José. Jesus aparece praticamente em idade adulta, iniciando suas pregações.

Então temos poucas informações dos primeiros anos do seu ministério. As narrativas claramente se concentram no ano final e, principalmente, na última semana de sua vida. Quase metade do evangelho de João, por exemplo, acontece dentro da semana da Páscoa em que Jesus morreu e ressuscitou. Isso nos dá a tônica de qual a preocupação fundamental do narrador.

O primeiro ano do ministério de Jesus

Temos poucas informações sobre o primeiro ano de ministério de Jesus. Se seguirmos uma harmonia dos evangelhos (um livro que coloca os fatos narrados pelos evangelhos lado a lado e em ordem cronológica), teríamos relativamente poucos dados para o primeiro ano. Temos as narrativas da inauguração do ministério com o batismo de João Batista e os primeiros discípulos (Jo 1), a tentação no deserto da Judeia (Mt 4:1-11), o início da pregação acerca da proximidade do Reino de Deus (Mt 4:17; Mc 1:14,15), o primeiro milagre na transformação da água em vinho em Caná da Galileia (Jo 2:1-11), seguido de uma balbúrdia no templo em Jerusalém chamada de "primeira purificação do templo" (Jo 2:13-22).

Foi nessa primeira estada de Jesus em Jerusalém que aconteceu a belíssima conversa com Nicodemos (Jo 3:1-18). Este, que era um membro da nobreza judaica e do Sinédrio, também versado nas escrituras como fariseu, procurou Jesus para uma conversa à noite. Nesta conversa vemos como Jesus ensinava, utilizando os meios ao seu redor. Imagine os dois sentados no terraço da casa, tendo as estrelas brilhando no céu e o vento refrescante da noite batendo em seus rostos. Nicodemos afirmou estar impressionado com os sinais que Jesus fazia, e Jesus lhe apresentou o que era necessário para participar dessa presença de Deus no mundo: nascer de novo. Esse novo nascimento significa que o homem não tem solução a não ser nascendo "do jeito certo", sob a ação regeneradora do Espírito Santo. E, a partir desse novo nascimento, passa a viver na dimensão do Espírito, que é absolutamente irresistível, independente e incompreensível. Nós não O controlaremos; é Ele quem nos controla. É por isso que Jesus comparou o Espírito ao vento (já que em grego – *pneuma* – e em hebraico – *ruach* –,

espírito significa *ar*, *vento*, *sopro*), que vem não sabemos de onde e nos sopra para onde quer. Nesse diálogo, o apóstolo João introduziu o seu sinônimo para Reino de Deus: a vida eterna por meio da fé em Jesus Cristo (Jo 3:16).

O Reino de Deus era o grande assunto das pregações de Jesus, o seu anúncio fundamental. O Reino é uma esperança futura e uma realidade presente. O Reino de Deus já está agindo no presente pela própria presença do Filho no mundo e, depois dele, pelo Espírito Santo. Assim, herdar a vida eterna significa entrar no Reino hoje e já pertencer à dimensão do Reino dos Céus, o ambiente em que Deus reina plenamente. Isso nos ajuda a entender que o Reino de Deus consiste no seu governo sobre a vida do seu povo hoje e não apenas uma esperança futura. A presença de Jesus no mundo foi um ato do tempo final, da chegada da Era Vindoura do Messias. Entretanto, quando Jesus pregava, mesmo seus discípulos não haviam entendido a dimensão do que isso significava. A morte e a ressurreição de Jesus dariam uma guinada em todas as expectativas. Mas vamos com calma, porque esse é o assunto da conclusão da revelação em Jesus Cristo.

No retorno de Jerusalém para a Galileia, Jesus teve ainda uma conversa interessante com uma mulher samaritana em Sicar, a antiga Siquém do Antigo Testamento (Jo 4:1-42). Nessa conversa com uma teóloga inusitada, em uma série de reviravoltas que não temos espaço aqui para detalhar, foram levantados mais de 1900 anos de história e cerca de 700 anos de debates teológicos entre judeus e samaritanos. A questão central: qual o lugar correto de cultuar a Deus? Em Jerusalém, cidade escolhida por Davi, ou em Siquém, local escolhido pelos patriarcas e pelo pacto de Josué? Em outras palavras: quem é maior, Davi ou Abraão? Na resposta de Jesus entendemos o funcionamento do Reino de Deus. Não há

mais lugar, não há mais homem maior ou menor, mas a adoração plena e verdadeira acontece na pessoa humana habitada pelo Espírito Santo. Jesus apresentou um Reino incontrolável, subversivo às instituições, permeando gente simples na beirada dos poços da vida. No final desse diálogo, um ensino aos discípulos: um é o que semeia, mas outro o que colhe. O Reino é incontrolável; funciona assim para que ninguém se aproprie da glória que pertence a Deus, o Senhor do Reino.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MARCOS:	1.14-20	MATEUS:	4	JOÃO:	2	3	4

O segundo ano do ministério de Jesus

Já adentramos no segundo ano do ministério de Jesus após essas narrativas iniciais. O segundo ano é entendido, geralmente, como um ano de muita popularidade, com multidões seguindo Jesus atrás de cura, alimento e ensino. Temos agora mais dados do desenvolvimento de seu ministério, com a maioria de suas ações ocorridas nas periferias da Galileia. Por isso, os grandes blocos narrativos deste tempo são chamados de "grande ministério da Galileia".

Havia centros urbanos importantes na Galileia, cidades majestosas como Séforis e Tiberíades. Mas é notável que as narrativas dos evangelistas sejam concentradas sempre nas vilas das periferias. Cafarnaum, por exemplo, era insignificante. Nazaré não tinha mais de 400 habitantes. Os locais por onde Jesus andava eram onde viviam as camadas marginalizadas da sofisticada sociedade romana dominante.

É nesse contexto que Jesus foi rejeitado pelo próprio povo em Nazaré (Lc 4:16-30) e fixou sua base em Cafarnaum, de onde partia para as pregações itinerantes pelo interior da Galileia. Chamou discípulos aos poucos, realizou curas (Mt 8:14-17, Lc 5:12-26), começou a sofrer atrito dos religiosos (Mt 9:14-17), acalmou a tempestade no mar da Galileia (Lc 8:22-25), entre outros acontecimentos. Em algum momento desse segundo ano de ministério Jesus confirmou os doze discípulos mais próximos (Mc 3:13-19) dentre cerca de 70 seguidores fixos (Lc 10:1). Os discípulos eram figuras pouco respeitáveis da sociedade judaica: havia pelo menos um publicano (odiado cobrador de impostos), um zelota (pobre revolucionário) e pescadores iletrados da Galileia. Para esse grupo seleto de rejeitados, Jesus trouxe o anúncio do Reino de Deus. Foi nesse contexto que o evangelista Mateus condensou uma série de ensinamentos de Cristo no famoso Sermão do Monte (Mt 5:1 a 8:1).

O Sermão do Monte pode ser entendido como o coração do evangelho. Esse compêndio de pregações e metáforas traz uma série de princípios que nos ajudam a compreender claramente que o Reino de Deus se opõe aos reinos deste mundo, oferecendo a perspectiva e o mandamento do Senhor sobre a comunidade dos discípulos. Ele começa apresentando o caráter do discípulo (Mt 5:3-12), que marcará o seu entendimento de si mesmo e de sua ação no mundo. As bem-aventuranças são afirmações de Deus sobre quem está realmente bem; elas não estão condicionadas ao que este mundo entende por felicidade plena. Ou seja, as bem-aventuranças descrevem características que este mundo não associa à felicidade. Assim, o discípulo é o pobre de espírito, humilde que sabe a própria miséria; ele chora e lamenta a sua condição de pecado, ao mesmo tempo que é manso e aceita a

repreensão divina. Ele tem fome e sede de justiça, deseja a transformação vinda de Deus. O discípulo também é misericordioso, pois percebe que a miséria que há nele também está nos outros. É puro de coração, porque sensível àquilo que Deus fará em sua vida, e pacificador, porque encontra a paz consigo e com Deus e procura estender essa paz aos outros. É esse o caráter de Cristo e, por isso mesmo, um caráter em conflito com o caráter orgulhoso deste mundo caído.

Esse princípio básico do caráter do discípulo – aquilo que ele entende de si mesmo e de Deus – dará a base para os demais ensinos do Sermão. Jesus afirma que os bem-aventurados são o sal da terra e a luz do mundo, mostrando que eles são indesejados, porque são perseguidos pelo mundo; mas ao mesmo tempo são indispensáveis para o mundo. A oração que Jesus ensina coloca o "nós" (não o "eu") em relação ao Reino de Deus como prioridade; a busca do verdadeiro tesouro e a entrega à providência de Deus, crendo em sua bondade. Enfim, quem pratica no cotidiano da vida as palavras de Jesus – mais do que um entendimento racional – é quem constrói sobre a rocha e não será abalado quando as coisas ficarem realmente ruins.

A pregação de Jesus repercutiu nos mais variados grupos sociais-religiosos do seu povo. Alguns fariseus tiveram problemas com a releitura interpretativa da Torá; saduceus odiaram seu desprezo pelo templo enquanto estrutura religiosa; os rebeldes contra o império buscavam nele o líder revolucionário; herodianos temiam o potencial de problemas em um Messias popular pregando um outro Reino, especialmente diante dos dominadores romanos. Enfim, como profetizou o velho Simeão, Jesus era um sinal de contradição.

Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre os **partidos religiosos judaicos** no link a seguir: https://youtu.be/25PbB2ZgVhw

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MARCOS:	3		MATEUS:	5	6	7		LUCAS:	4	5	8

O terceiro ano do ministério de Jesus

O terceiro ano do ministério de Jesus costuma ser entendido como um ano de muita oposição. Essa oposição foi sofrida por Jesus, vinda dos legalistas da religião, mas também contra muitos dos seus seguidores. Foi tempo de Jesus esclarecer enfaticamente sobre a sua identidade e a natureza do Reino de Deus e as implicações disso para a vida dos discípulos, que entre outras coisas, é caracterizada pela abnegação.

As multidões seguiam Jesus em busca de alimentos e curas (Mt 14:13-36). Jesus não se impressionou com a quantidade de seguidores, mas advertiu as multidões sobre suas reais intenções (Jo 6:1-71). Foi justamente após a multiplicação de pães que ele apresentou a si mesmo como o pão da vida eterna – utilizando inclusive expressões significativas como "Eu Sou" – em contraposição ao maná dado ao povo de Israel no deserto. Dessa comparação veio a espantosa afirmação dele ser maior até mesmo do que as bênçãos dadas por Deus ao povo de Israel durante o êxodo. A sua conclusão foi alarmante: o povo que comeu do maná do céu morreu, mas quem comer do pão de Jesus viverá para sempre. A palavra foi dura; muitos deixam de segui-lo a partir daquele momento.

Diante dessa crescente oposição na Judeia e Galileia, Jesus intensificou o ministério em regiões fora da Terra Santa: um ministério ao norte, na Fenícia, onde curou o filho de uma mulher (Mt 15:21-28), e depois em Decápolis, região grega onde também realizou curas, e uma segunda multiplicação de pães (Mt 15:29-38). Dali, também sofrendo oposição, Jesus retirou-se para a longínqua Cesareia de Filipe, região onde preveniu os discípulos sobre seu futuro (Mc 8:31,32; Mt 16:21-28). Ali também aconteceu, provavelmente, a transfiguração.

Jesus falou sobre a cruz e a ressurreição porque esses acontecimentos simplesmente não faziam parte de qualquer imaginário judaico a respeito da vinda do Reino de Deus. Havia uma expectativa da vinda do Messias para reinar sobre o mundo a partir de Jerusalém. Essa era basicamente a esperança dos discípulos. Assim, quando Jesus perguntou a eles o que pensavam sobre ele, a resposta natural de Pedro foi "tu és o Messias". Jesus respondeu que ele era abençoado porque isso não veio de entendimento humano, mas foi revelado pelo Espírito Santo. Ou seja, não era baseado na expectativa de Pedro, mas foram palavras inspiradas por Deus. Logo mais, Jesus começou a falar sobre o que viria – a morte horrível nas mãos dos homens – e foi repreendido por Pedro. O Messias sofrer dessa maneira não fazia sentido para Pedro porque ele pensava em categorias mundanas de poder. Daí a dura resposta de Jesus: "Arreda Satanás!" (Mt 16:13-23; Mc 8:27-20).

O problema de Pedro e das pessoas de seu tempo era o entendimento do Messias como um guerreiro libertador de Israel, um rei dominador. Jesus, entretanto, revelou a missão de um verdadeiro rei: representar seu povo na luta contra as trevas, morrer por aqueles que ama, servir àqueles que governa. Era uma inver-

são completa dos valores do mundo. Simplesmente Jesus uniu a esperança do Messias com a profecia do Servo Sofredor (Is 53), aquele que morre pelos pecados de todos. Era demais para os discípulos: o Messias é o Servo Sofredor; o trono é uma cruz. Era um escândalo para os judeus – como Paulo afirmaria mais tarde – que o Messias subiria a Jerusalém não para tomar o trono, mas para morrer nas mãos do poder diabólico de Roma.

Por essa razão, o discipulado consiste em seguir os passos do Mestre, Messias e Senhor e viver sob a sua disciplina. É importante observar que o ensino de Jesus sobre ser ele o Servo Sofredor fornece o pano de fundo do ensino sobre o preço de seguir, já que o Cristo que haveria de ser rejeitado, sofrer, morrer e ressuscitar é o Filho do Homem que veio ao mundo não para ser servido, como reis e governantes, mas para servir e entregar a sua vida pelo resgate de muitos (Mc 8:34-38; 9:33-37; 10:35-45).

A transfiguração é um momento dramático no ministério de Jesus (Mt 17:1-9). É uma narrativa fantástica, ocorrida durante um retiro de oração com seus discípulos mais próximos. Cristo apareceu diante de Pedro, Tiago e João brilhando como o sol da justiça de Miqueias, transfigurado no corpo glorificado que viria a ter depois da ressurreição. Junto a ele estavam Moisés, autoridade máxima da lei, e Elias, a autoridade dos profetas. Ambos conversavam com Jesus sobre algo que o narrador não nos conta, mas sua presença confirmava a obra que ele estava realizando. Ao final, a voz vinda do céu anunciou Jesus como o "Filho amado" e quem deve ser ouvido. O episódio marcou de tal maneira a vida de Pedro que ele, décadas depois, registraria em sua carta que seu testemunho era baseado naquilo que viu com os próprios olhos (2Pe 1:16-18).

Depois disso, no final deste terceiro ano, Jesus voltou para as regiões próximas a Jerusalém. Visitou a cidade para a Festa dos Tabernáculos, quando se declarou a luz do mundo (Jo 8), curando um cego de nascença logo em seguida como prova de ser realmente essa luz (Jo 9). Partiu então para a Pereia, do outro lado do Jordão, cuja estadia interrompeu para subir até Betânia a fim de ressuscitar Lázaro (Jo 11), sinal miraculoso que desencadeou os eventos que o levariam à cruz (Jo 11:45-57). Finalmente, Jesus previu novamente sua paixão sem que seus discípulos entendessem do que estava falando (Lc 18:31-34). Então subiu pela última vez a Jerusalém, passando por Jericó, onde visitou Zaqueu (Lc 19:1-10). Doravante, o que Jesus enfrentaria seria a sua paixão.

> *Os evangelhos apresentam relativamente poucas informações biográficas sobre Jesus Cristo. Suas narrativas se concentram basicamente nos três anos de seu ministério, nos quais se vê uma tensão crescente: o início modesto com poucos discípulos, uma popularidade muito intensa em função dos milagres, e finalmente uma oposição cada vez maior. O caminho da cruz estava sendo preparado.*

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MARCOS:	8	9	10	**MATEUS:**	14	15	16	17	**JOÃO:**	6	8	9	**LUCAS:**	18	19

Exercícios de fixação
O ministério de Jesus Cristo

1. O que Jesus estava ensinando para Nicodemos ao falar sobre "nascer de novo"?
2. Qual era o grande assunto das pregações de Jesus e o seu anúncio fundamental?
3. O que significa entrar no Reino de Deus, ou, receber a vida eterna?
4. O que é o Sermão do Monte?
5. Por que a ideia do Cristo como o Servo Sofredor era conflitante com o pensamento das pessoas?
6. O que significa ser um discípulo de Jesus?

Respostas a partir da página 81.

A vitória de Jesus Cristo

As narrativas da vida de Jesus pelos evangelistas apresentam uma tensão crescente que encontra seu ápice na última semana. É quando entrou em jogo a razão de sua vinda. Jesus tomou o caminho a Jerusalém para os festejos da Páscoa, data que não foi escolhida aleatoriamente. Há um sentido simbólico nessa festa que está diretamente vinculada à obra messiânica de Jesus.

A chegada para o confronto

Jesus chegou a Jerusalém por ocasião da celebração dos Pães Ázimos, que ocorrem durante sete dias antes da Páscoa, celebrada no oitavo dia. Além dos moradores locais, a cidade estava tomada de peregrinos judeus do mundo inteiro. A chegada de Jesus foi impactante, tratada como "triunfal" pelos narradores dos evangelhos (Mt 21:1-11). Imagine a cidade fervendo de fiéis de cada canto do mundo, consumindo os produtos da grande celebração, gente abastada, incluindo as autoridades romanas de alto escalão como Pilatos, vindo de Cesareia, e Herodes Antipas, de Tibe-

ríades. Jesus, entretanto, chegou com o povo pobre da Galileia, adentrando na rica Jerusalém com um populacho pouco desejável. E esse povo gritava: *Hosana* ao filho de Davi – *"Hosana"* significa *"Salva-nos, te rogamos"*. Salva-nos de quem? Os legionários romanos, empilhados na Fortaleza Antonia, ali perto, deviam estar observando com reservas. A pergunta dos religiosos não foi à toa: "Não vê o que esse povo está dizendo?". O barril de pólvora estava montado, justamente na festa em que os judeus celebravam a libertação da escravidão de um império opressor.

Logo depois dessa entrada escandalosa, Jesus tomou o caminho do templo, onde audaciosamente o purificou pela segunda vez (Mt 21:12-17): derrubou mesas, atacou os lucros da religião, causou espanto nas autoridades presentes. Só não foi preso ali mesmo porque poderia acontecer uma carnificina, dada a aglomeração popular que o acompanhava. Assim começou a última semana do ministério terreno de Jesus.

Nos dias seguintes, sem sabermos exatamente quando e como, Jesus parece ter se colocado à disposição nos recintos do templo para seus arguidores. Respondeu a pelo menos quatro interrogatórios: 1) dos principais anciãos, que lhe perguntaram sobre com qual autoridade ele falava aquelas coisas (Mt 21:23-27); 2) dos fariseus e herodianos, que lhe testaram sobre o pagamento de impostos aos romanos (Mt 22:15-22); 3) dos saduceus, que lhe apresentaram uma frágil questão sobre a ressurreição dos mortos (Mt 22:23-33); 4) e de um doutor, que perguntou sobre o maior dos mandamentos (Mt 22:34-40). Foi depois de responder a todos esses questionários que Jesus partiu para o confronto derradeiro. Diante de todo o povo reunido no templo, apontou para os religiosos e proferiu um severo discurso. "Ai de vós, escribas

e fariseus", era a tônica de cada acusação (Mt 23:1-13). Depois dessa contundente delação, não teria mais volta. A conspiração contra sua vida ganhava forma.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MATEUS: 21 23

Preparação para o fim

Jesus estava em Jerusalém durante os dias dos Pães Ázimos. A Páscoa, naquele ano, cairia no primeiro dia da semana, que hoje chamamos domingo. Mas Jesus resolveu celebrá-la na quinta-feira, pois não poderia comer o cordeiro na Páscoa propriamente dita porque ele mesmo era o cordeiro no ato salvador de Deus. O local arranjado era uma sala espaçosa no segundo piso de uma residência em Jerusalém (Lc 22:1-13).

Durante a celebração daquela noite aconteceram muitas coisas narradas pelos evangelhos, mas que são difíceis de ordenar em uma sequência precisa. Por incrível que pareça, Jesus precisou resolver uma contenda entre seus discípulos a respeito de quem seria o maior entre eles (Lc 22:24-30). Eles não haviam entendido nada do que Jesus pregou desde o início. Imagine a tristeza de Jesus diante do que estava para acontecer e do que percebia no pensamento de seus discípulos. Foi diante desse tipo de discussão que Jesus executou a famosa lavagem de pés, "desenhando" para eles o que significa a humildade (Jo 13:1-20). No meio de uma elevada autoestima, onde cada um garantia que estaria com ele até o fim, Jesus avisou que todos iriam fugir e ele ficaria só – inclusive o bufão Pedro que, naquela mesma madrugada, negaria

seu mestre três vezes (Lc 22:31-34). Enquanto seus discípulos ofereciam traição, disputa de poder e negação, Jesus entregava a sua vida como sacrifício para que eles pudessem receber a vida.

Ainda durante o mesmo jantar, outros acontecimentos. Jesus previu que um deles o trairia, sendo que Judas saiu pouco depois para executar seu plano junto às autoridades. Estando o traidor ausente, Jesus tomou pão e vinho e instaurou a cerimônia que viria a ser conhecida como Santa Ceia (Mt 26:26-29; Lc 22:14-20). Jesus e seus discípulos estavam celebrando um banquete lembrando a libertação do êxodo; mas agora ele fazia algo novo, inseria um novo elemento. É verdadeiramente um ritual no qual se deveria refletir. E nenhum símbolo poderia ser mais preciso: o pão é produto do trigo, cuja semente precisa morrer, ser triturada e amassada para se tornar alimento; e o vinho, cuja fruta também morre ao ser esmagada, tornando-se alimento e alegria, o cálice da nova aliança no sangue do Cristo em cumprimento à promessa feita por Deus por meio de Jeremias (Jr 31:31-34). É o próprio corpo de Jesus oferecido por nós. Ao mesmo tempo, a Santa Ceia é a comensalidade, a graça de Deus sentando-se à mesa em comunhão conosco enquanto ainda pecadores.

Depois da Santa Ceia instaurada e celebrada, Jesus conduziu seus discípulos em direção ao Monte das Oliveiras. Já deveria ser próximo da meia-noite quando atravessaram as ruas da cidade e saíram pelas portas das muralhas, passaram pelas videiras nas encostas da montanha, desceram pelo vale e subiram o monte logo adiante de Jerusalém, tendo por vista o templo. Ali ficava o Jardim do Getsêmani. É possível que, durante essa caminhada noturna, Jesus tenha falado o que foi registrado pelo apóstolo João em concisos e belos capítulos (Jo 14 a 17). Primeiro, Jesus refletiu sobre a certeza de uma morada junto ao Pai alcançada

por meio dele – o Caminho, a Verdade e a Vida – e do consolo que eles teriam depois de sua partida pela vinda da pessoa divina do Espírito Santo – o *Parácleto*, que viria para estar conosco para sempre. Talvez passando por entre as videiras, Jesus as tomou como metáfora da ligação que seu povo teria com ele e com o Pai como uma videira entrelaçada, cujos ramos dão frutos por correr em seus galhos a seiva divina do amor de Deus. Finalmente, Jesus ainda orou por todos aqueles que, desde aquele tempo e em muitos séculos depois, seriam um nele e em Deus.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

LUCAS: 22 | **MATEUS:** 26 | **JOÃO:** 13 14 15 16 17

A paixão de Cristo

A paixão – ou o sofrimento – de Jesus começou em um jardim. O Getsêmani era um belo local, com vista para a Cidade de Davi, onde Jesus orou no início da madrugada, levando consigo os discípulos mais próximos (Mt 26:36-46). Eles dormiram enquanto ele vivia o terror do que aconteceria. Jesus entrava em batalha interior para vencer a própria vontade de não beber do cálice que lhe era proposto – tomar sobre si o pecado da humanidade inteira. Após intenso sofrimento e luta interior – a ponto de suar sangue! –, Jesus dobrou sua vontade à vontade do Pai. Esse é um ponto marcante na trajetória de Jesus, que refez o caminho de Adão, porém, triunfou onde Adão havia falhado. O apóstolo Paulo explicou isso (Rm 5:12-19), mostrando que em Adão a humanidade recebeu o pecado e a morte. Mas Jesus Cristo atraiu

para si todo pecado e morte que haviam sido espalhados na humanidade a partir de Adão. Essa é a história de como a nossa condenação e morte são transformadas em libertação e vida. Ao fazer isso, Jesus cumpre a vontade do Pai e nos mostra o caminho pelo qual andar.

Dali para diante, a narrativa é famosa e não vamos nos deter em seus detalhes. Judas chegou com a polícia do templo e entregou o Cristo com um beijo. Uma vez preso, Jesus passou por uma série de interrogatórios, primeiro dos líderes judaicos, depois das autoridades romanas. Durante a madrugada, foi interrogado por Anás, Caifás e parte do Sinédrio. Somente pela manhã passaria pelo interrogatório do Sinédrio completo (Jo 18:12-24; Mc 14:53-65). Uma vez considerado culpado de blasfêmia – afinal, afirmou ser Deus –, foi conduzido a Pilatos, provavelmente na Fortaleza Antônia. Ali passou por um julgamento em três etapas (Lc 23:1-25): primeiro, diante de Pilatos, que não viu culpa nele, pois a acusação foi de traição ao império ao se dizer rei de Israel. Pilatos, vendo a dificuldade da situação, tentou se livrar do problema enviando Jesus para o verdadeiro governante de sua jurisdição, Herodes Antipas, a quem Jesus ignorou solenemente. Finalmente, de volta a Pilatos, veio a sentença de crucificação após insistência de um grupo de religiosos.

Os romanos eram especialistas na morte com tortura. Sabiam como provocar o máximo de dor e manter o condenado vivo durante o maior tempo possível. Depois do flagelo, um açoitamento extremamente severo, a cruz representava uma morte lenta, pois ao longo dos séculos os romanos desenvolveram técnicas que faziam com que os pregos penetrassem nos locais mais dolorosos, mas ao mesmo tempo não vitais. A posição era terrível, desconfortável, além de vergonhosa: pregado nu ao madeiro, a pessoa era

vista e debochada por todos os passantes. O crucificado morreria asfixiado quando não tivesse mais forças de erguer o corpo para respirar, o que poderia durar até uma semana. Jesus, entretanto, não durou tanto. Seu sofrimento, compartilhado com dois bandidos entre os quais foi crucificado, terminou ao final da tarde. Talvez tenha levado apenas seis horas para morrer, dado a intensa tortura que já fora alvo antes e, especialmente, o peso e a culpa do pecado do mundo inteiro em todas as eras disparado contra ele. É isso que um rei faz; representa seu povo. Ali ele identificou-se plenamente com a humanidade. Ele sabe o que sentimos e somos.

Em Cristo, o Reino de Deus estava conquistando o mundo. E o fazia de forma surpreendente, levantado e exposto a todos (Jo 12:31-33). Contra o poder da violência de Roma e de todo o reino de Satanás, ele venceu oferecendo-se em silêncio. Respondeu com amor, e já neste ato iniciou a sua gloriosa vitória. A vitória da paz contra a violência, do amor contra o ódio. Mas havia algo ainda mais grandioso por vir.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MATEUS: 26 | **LUCAS:** 23 | **JOÃO:** 18 19

A ressurreição

Jesus já havia conquistado uma vitória inigualável ao superar a diabólica forma de poder deste mundo. Obedeceu a Deus, entregou a outra face quando lhe bateram. Foi o próprio amor encarnado. Mas havia outro inimigo a vencer, o qual atormenta a humanidade desde o início: a morte. E foi esse evento que trouxe a grande reviravolta de toda a história. A morte não pôde conter

o Filho de Deus. Ao terceiro dia, justamente na manhã da Páscoa – quando os judeus celebravam a saída da escravidão do Egito – Jesus não foi mais encontrado em seu túmulo. A ressurreição foi algo tão inesperado que sequer há narrativa sobre ela nos evangelhos. Nenhum autor a descreve, mas apenas seu resultado: o túmulo está vazio.

O que segue foram as diversas narrativas do aparecimento do ressuscitado Jesus Cristo. Ele foi visto por aproximadamente 500 pessoas em relatos difíceis de harmonizar. A primeira pessoa a ver Jesus foi uma mulher, Maria Madalena (Jo 20:11-18), próximo ao túmulo. Depois dela, Jesus apareceu diversas vezes, como aos discípulos e a dois viajantes no caminho de Emaús (Lc 24:1-53). Dentre os discípulos houve até quem duvidasse, como Tomé, que desejava ver e tocar nas feridas – como os demais fizeram antes dele – para crer (Jo 20:24-29). Do discípulo que duvidava brotou o mais profundo credo da fé cristã: Jesus é Deus! Por fim, Jesus ainda apareceu a uma multidão antes de ascender aos céus (Mt 28:16,17; 1Co 15:5-8).

A ressurreição de Jesus não era apenas o retorno de um morto à vida. Isso já aconteceu antes nas narrativas bíblicas, inclusive no Antigo Testamento. Todos esses casos não foram "ressurreições", mas "revificações". As pessoas retornaram à vida, mas a mesma vida de antes. A ressurreição de Jesus foi escatológica, uma prévia daquela que ocorrerá com todos os salvos no final dos tempos. Por isso, é uma ressurreição para a vida eterna, com um novo corpo, incorruptível. As narrativas dos evangelhos nos dão algumas pistas de como será esse corpo (Mt 28:9; Lc 24:36-43; Jo 20:19). Ele é físico de alguma maneira, pois Jesus se alimentou e as pessoas tocaram nele; mas também pertence a uma esfera diferente da realidade, pois ele apareceu e desapareceu aos olhos, não foi

contido por paredes e talvez não estivesse sujeito ao tempo. A ressurreição não é apenas uma perturbação da natureza; é a manifestação de algo completamente novo, a vida na era do Reino de Deus (1Co 15:20). A ressurreição de Jesus foi o primeiro ato do Último Dia.

O final das narrativas sobre Jesus trata de como ele "subiu" aos céus, de onde reina desde então. Sua autoridade está posta sobre todo o mundo, sobre cada canto desse universo. Ele prometeu que um dia iria voltar para concluir o Reino de Deus na terra e deu uma ordem aos seus discípulos. A eles caberia ir a todas as nações para comunicar essa verdade. Eles deveriam trazer essa boa notícia – evangelho – a todos, mergulhando-os dentro de Deus, fazendo deles também discípulos do rei Jesus de Nazaré.

> *A maior parte das narrativas registradas nos evangelhos trata da morte e ressurreição de Jesus, demonstrando ser esse o grande objetivo da sua vinda ao mundo. Por meio desses eventos, Deus invertia a lógica do mundo, trazendo a vitória sobre o pecado por meio do sacrifício, e vitória sobre a morte por meio da ressurreição. Depois dessa obra consumada, Cristo voltava a Deus, mas enviaria outro que, como ele, seria Deus Conosco.*

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

MATEUS: 28 **LUCAS:** 24 **JOÃO:** 20 21

Exercícios de fixação
A vitória de Jesus Cristo

1. Qual é a importância do contexto da Páscoa judaica para entrada e os últimos eventos da trajetória de Jesus em Jerusalém?
2. Qual novo elemento Jesus introduziu na celebração da Páscoa?
3. O que significa dizer que Jesus refez o caminho de Adão?
4. Qual é a diferença entre a ressurreição de Jesus e as demais ressurreições registradas na Bíblia?

Respostas a partir da página 81.

Os atos do Espírito Santo

O nosso próximo capítulo da narrativa do Novo Testamento está no livro de Atos. Estamos acostumados a chamar o livro de "Atos dos apóstolos", mas o personagem principal é o Espírito Santo. O mais correto seria chamar de "Atos do Espírito Santo", pois o livro narra como o Espírito Santo levou os discípulos a compreenderem que o Reino de Deus não era exclusividade para os israelitas, mas dedicado a toda a humanidade – até os confins da terra. Esse entendimento não brotou de maneira natural, mas somente aconteceu porque veio do alto o "poder e a virtude" do Espírito Santo (At 1:7-8).

Este capítulo se baseará essencialmente no ***Livro de Atos***. Seguiremos os passos dos apóstolos na missão impulsionada pelo Espírito Santo saindo de Jerusalém, passando pela Judeia, Palestina e Síria, depois Ásia Menor (a Turquia), adentrando na Grécia e finalmente chegando a Roma. Esse é o percurso geográfico do livro, que expressa a intenção de seu autor, Lucas: mostrar como o evangelho chegou aos "confins da Terra" (At 1:8). E "confins da Terra" são, simplesmente, a grande cidade de Roma, onde viviam pessoas oriundas de cada canto do planeta então conhecido.

Atos do Espírito Santo é uma grande narrativa que demonstra como o evangelho foi levado do mundo judaico para o mundo gentio, cumprindo o propósito bíblico de abrir o Reino de Deus a todos os povos – como prometido aos patriarcas no início da grande aventura bíblica.

A comunidade de Jerusalém

Os discípulos de Jesus formavam um grupo de 120 pessoas, que continuavam se encontrando em Jerusalém depois da ascensão de seu Senhor. Não deixaram a cidade, conforme Jesus orientou, aguardando algo que Deus ainda enviaria. Enquanto isso, Pedro sugeriu que a vaga de Judas Iscariotes fosse preenchida para completar o número místico de 12 apóstolos (At 1:15-26). Então os apóstolos escolheram dois homens – José Barsabás e Matias – com o critério de serem seguidores de Jesus desde os seus primeiros dias e testemunhas da ressurreição. O escolhido foi Matias, por meio de sorteio (que era uma forma veterotestamentária de descobrir a vontade de Deus). Ele tornava-se o décimo segundo apóstolo. Seria a última vez que se utilizaria tal método para tomar decisões. Algo incrível estava para acontecer, que mudaria tudo.

Passados cinquenta dias da Páscoa, Jerusalém estava em festa outra vez para celebrar o Pentecoste (ou Festa das Semanas), uma comemoração relacionada às colheitas. Outra vez as multidões de judeus da Diáspora visitavam a Cidade de Davi. Os discípulos de Jesus viram o salão em que estavam reunidos ser tomado por um vento uivante; depois, pequenas labaredas rodopiaram e se posicionaram sobre cada um deles (At 2:1-41). Cada um ficou cheio do Espírito Santo e passou a falar uma língua que não dominava

antes. Era a experiência que ficaria conhecida como o Pentecoste e que chamaremos de *Pentecoste Judaico*. Os muitos peregrinos judeus de diversas partes do mundo, que estavam nas proximidades, ouviram aquelas línguas e perceberam tratar-se das suas línguas maternas. Pedro, tomando a liderança, explicou o que acontecia: era o cumprimento da promessa de Joel, de que nos últimos dias o Espírito de Deus habitaria toda carne e haveria salvação para todo aquele que invocasse o nome de Deus (Jl 2:28-32). Acontecia então a primeira grande evangelização, a pregação de que Jesus de Nazaré era o Messias prometido, levando à conversão de quase três mil judeus.

O milagre do Pentecoste era absolutamente subversivo. Ao invés de fazer com que a multidão falasse a mesma língua, o Espírito Santo fez com que os discípulos falassem as línguas dos povos. Foi um sonoro não à centralização linguística. Por isso, o Pentecoste consistiu em um perfeito sinal do trabalho missionário e do cumprimento da promessa de Deus de estar com todos os povos. Por quê? Lembremos que em Gênesis 11:1-9 conta que os homens tentaram construir uma cidade com uma grande torre que alcançasse os céus, para que dessa maneira se tornassem famosos e não fossem espalhados pela terra. "Os céus" é uma expressão que se refere à realidade em que Deus habita. Desde o princípio existem céus e terra, mas essas realidades foram separadas por causa da Queda. Porém, a pequena narrativa sobre Babel termina com o projeto humano sendo frustrado pelo próprio Deus, que confundiu as línguas dos homens e os espalhou pela terra. Em seguida, em Gênesis 12, Deus começou com Abrão o seu projeto de reunir sob a sua bênção todos os povos/famílias da terra, prometendo tornar famoso o nome de Abrão – ou seja, exatamente a intenção dos construtores da torre, mas agora como um empreendimento

divino, não humano. O Pentecoste relembra essa história: milênios depois, Deus cumpre a sua promessa ao reunir os povos e falar na língua deles. Ao contrário de Babel, em que as línguas foram confundidas e os homens não se entendiam, no Pentecoste Deus capacitou o seu povo para falar nas diversas línguas e possibilitou que a sua mensagem fosse entendida por todos.

Portanto, a vinda de Jesus Cristo, antes, e a do Espírito Santo, agora, eram o grande cumprimento da promessa e esperança de Israel de que Deus seria "Emanuel", um Deus Conosco, presente entre nós. Esse fato foi motivo de celebração. Com o Espírito Santo nasceu a igreja. A palavra *igreja* vem do grego *ekklesia*, ou "assembleia de cidadãos", também ligada ao conceito hebraico de *qahal Iahweh*, a "congregação de Iahweh", termo ligado à sinagoga. E os discípulos se entendiam assim mesmo: uma nova comunidade, liderada pelo próprio Deus, finalmente presente entre eles conforme as promessas reveladas por profetas séculos antes. A vida tinha que ser diferente: eles viviam sob a direção dos apóstolos, amavam fraternalmente, dividiam seus bens para que nada faltasse a ninguém, e se encontravam todos os dias em uma vida comum de muita oração e devoção, testemunhando o grande milagre da ressurreição de Jesus (At 2:42-47; 4:32-35).

Evidentemente, tais encontros somente poderiam causar problemas em Jerusalém. As autoridades religiosas haviam posto fim ao pregador galileu Jesus; agora aparecia um grupo afirmando que esse mesmo Jesus, morto na cruz, havia ressuscitado! E mais: eles anunciavam esse milagre no pátio do templo. Logo veio o conflito com as mesmas autoridades que mataram Jesus, levando Pedro e João à primeira prisão pelo evangelho (At 5:17-42) – à qual eles responderam com a alegria de poderem sofrer por Jesus. Os dois apóstolos acabaram sendo soltos com a ressalva de que

não mais pregassem sobre o Messias crucificado, ordem que não poderiam cumprir de maneira alguma.

A igreja de Jerusalém era belíssima em piedade e ações. Entretanto, estava longe de ter a perfeição que imaginamos. Ela era composta exclusivamente por judeus, mas de dois tipos: os judeus que sempre se mantiveram nas tradições judaicas e falavam aramaico, chamados "hebreus"; e os judeus helenistas, que haviam deixado as tradições de Israel e assumido a cultura grega, chamados "gregos" ou "helenistas". Pois o primeiro grupo se considerava superior ao segundo, e não aceitava entregar os mesmos benefícios àqueles que no passado haviam "traído" as tradições nacionais. Na prática, os "judeus" estavam omitindo os "helenistas" pobres do auxílio da comunidade. Foi para corrigir esse problema que a igreja criou o ministério dos diáconos, os membros que fariam o serviço social da comunidade, dedicando-se no auxílio aos pobres (At 6:1-7). E não houve tentativa de "conciliação de opositores", ou de "pesar a balança": todos os diáconos escolhidos pelos apóstolos tinham nomes helenistas.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	1	2	3	4	5	6

A expansão para Samaria

A narrativa do livro de Atos é marcada por fatos de transição. Seu autor, Lucas, está contando a história de como o evangelho foi aberto do mundo judaico para o gentio, de como saiu de Jerusalém e chegou nos confins da Terra. Mostra que esse não foi um processo natural, um desejo da comunidade desde o início,

mas algo impulsionado pelo Espírito Santo. Como isso aconteceu? Por meio de perseguições. Os discípulos foram tirados do conforto à força.

A história de Estêvão é uma dessas narrativas de transição (At 6:8 a 7:60). Ele era um dos judeus helenistas, escolhido como diácono da igreja. Entretanto, embora ele tenha sido colocado pelos apóstolos na função social, não era exatamente o que ele estava fazendo. O Espírito Santo o impulsionou a pregar no templo, como os líderes da igreja faziam. E o seu discurso não foi nada amigável; o anúncio de que Deus finalmente cumprira as promessas antigas, que Deus estava presente entre eles, habitando em cada pessoa que creu no Messias de Israel, simplesmente revelava que o templo e toda a sua estrutura estavam caducos. Era apenas um amontoado de pedras com seus dias contados. Estava confirmado aquilo que já se insinuava desde o tempo dos patriarcas e do êxodo: que Deus não habita obras humanas, mas peregrina com o seu povo. E, pior: aquela imensa estrutura religiosa de Jerusalém servira apenas ao propósito de matar o Filho de Deus. A radicalidade do discurso levou a multidão a apedrejar Estêvão. Não foi um julgamento; foi literalmente um linchamento.

Com a morte de Estêvão, o primeiro mártir da fé em Jesus, o narrador inseriu a figura de Saulo, o grande e terrível perseguidor da igreja de Jerusalém (At 8:1-3). A oposição estava obrigando os discípulos a fugirem para outros lugares. Então o narrador apresentou outra figura que não fazia parte do círculo dos Doze: Filipe. Ele chegou a Samaria, habitada pelos samaritanos – aqueles israelitas do passado que haviam se misturado aos gentios e eram profundamente desprezados pelos judeus. Na cabeça dos judeus, os samaritanos eram um híbrido entre "povo de Deus" e "povo mundano". Na Samaria aconteceu a conversão desse "povo

híbrido", sendo imediatamente batizados, conforme o costume dos primeiros crentes em Jesus (At 8:4-13). Mais do que isso: ali, os milagres aconteciam como aconteceram em Jerusalém. Era um atestado da aprovação de Deus.

Isso foi uma novidade para a igreja, porque até então eles entenderam que Jesus era o Messias, o rei de Israel. Mas isso valia também para os traidores da pátria? Parecia que sim. Então os apóstolos enviaram Pedro e João para verificarem o que estava acontecendo. Estes, orando sobre os novos convertidos, viram acontecer o mesmo fenômeno de Jerusalém: o Espírito Santo desceu sobre os samaritanos igualmente (At 8:14-17). Este é o segundo Pentecoste narrado em Atos: o *Pentecoste Samaritano*. Na sequência, o mesmo Filipe foi levado a pregar a um gentio, uma autoridade etíope, que aceitou o Messias de Israel. O evangelho dava sinais de que teria um alcance muito maior do que os discípulos de Jesus imaginavam.

Neste ponto, o autor de Atos retoma a narrativa em Saulo. Este perseguidor da igreja teve uma experiência espantosa. Saulo era um judeu de primeira categoria, instruído por Gamaliel I, um mestre da famosa escola farisaica de Hillel (alinhado aos fariseus mais liberais na interpretação da Torá). Por outro lado, Saulo era membro da Diáspora e nascido em Tarso – a principal cidade da Cicília, importante centro de estudos da filosofia grega. Ele tinha intimidade com essa vasta cultura, o que se percebe pelas menções a filósofos e poetas gregos em suas cartas. Por isso, Saulo (do hebraico *Saul*) era culturalmente híbrido: tanto judeu como grego. Era um homem de fronteira. Ele perseguia a igreja porque acreditava ser um grupo de hereges perigoso à fé judaica. Entretanto, ao encontrar pessoalmente o próprio Cristo, suas convicções foram derrubadas (At 9:1-18). O anúncio da igreja

não era uma mentira; Jesus ressuscitou e apareceu diante dele. O acontecimento marcou a vida de Saulo, mas também deu base para ele repensar tudo o que acreditava sobre o Reino de Deus. A história da conversão e do chamado de Saulo foi contada três vezes no livro de Atos (At 9:1-18; 22:1-21; 26:1-18).

Saulo passou a pregar a Jesus de Nazaré como o Messias de Israel assim que chegou a Damasco. Mas logo se viu em situação de risco e precisou fugir da cidade (At 9:19-25). Ainda entusiasmado pela sua descoberta e entendendo ser também um discípulo de Jesus, Saulo foi a Jerusalém, onde foi friamente recebido pela comunidade dos apóstolos (At 9:26-30). Depois de um início retumbante, acabou sendo enviado de volta para casa. Naquele momento, o novo e entusiasmado convertido Saulo de Tarso era colocado na geladeira. Não sabemos quanto tempo ele ficou fora do circuito evangelizador; podem ter sido três anos, ou 14 anos. Não sabemos. O fato é que ele ainda seria preparado por Deus, mas naquele momento não estava pronto.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	7	8	9

A expansão para a Síria

A leitura de Atos pode nos confundir se imaginarmos que os fatos narrados no livro aconteceram de maneira rápida e imediata. Não foi assim. Seu autor selecionou e condensou uma série de acontecimentos dos primeiros anos da igreja. Podemos pensar até em uma década para os primeiros dez capítulos. Neste momento da narrativa, Saulo estava fora do foco do autor, que retornou para os apóstolos, especialmente Pedro. É quando foi inserida a

importante conversão de um gentio "puro" chamado Cornélio (At 10:1 a 11:18).

A narrativa mostra os dois lugares da ação divina: por um lado, Cornélio tendo uma visão para buscar a Pedro; e de outro, o apóstolo recebendo outra visão, à qual resistia. Pedro acabou indo a Jope, onde precisava cometer algo inadequado a um judeu piedoso: entrou na casa de um gentio. Apenas começou a pregar o evangelho e todos os gentios ali – Cornélio e sua família – começaram a falar em línguas como aconteceu em Jerusalém e Samaria. Era o *Pentecoste Gentio* em andamento, quando Deus confirmava os gentios como participantes das mesmas promessas da presença divina. A progressão dessa abertura do Espírito Santo foi marcante: primeiro os judeus, então os samaritanos e, finalmente, os gentios. Seguindo exatamente a fórmula "de Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da Terra", conforme Atos 1:8. A sequência da história nos demonstra o quanto a pregação a gentios não era algo considerado natural para a igreja: Pedro precisou explicar o evento aos seus colegas em Jerusalém, que ficaram pasmos pelo fato de que "até aos gentios Deus concedeu o arrependimento para a vida" (At 11:18).

Essa narrativa, que demonstra como Pedro também se lançou às missões fora de Jerusalém, foi preparatória para o que viria adiante: a pregação chegando na grande metrópole de Antioquia da Síria. E vemos como durante muito tempo somente se pregava a outros judeus (At 11:19). Mas alguns judeus de Chipre e Cirene romperam com essa tradição e pregaram a gregos, e muitos aceitaram o evangelho, convertendo-se a Jesus Cristo (At 11:20-30). Essa era uma novidade para a igreja, exigindo outra vez um acompanhamento dos apóstolos. Barnabé foi enviado à cidade, viu a graça de Deus entre aquele povo e deu sequência ao discipu-

lado. Como era uma nova situação – gentios puros entrando para a comunhão com judeus piedosos –, Barnabé sentiu que precisava de ajuda e buscou Saulo em Tarso. Os dois começaram um ministério "híbrido" em Antioquia, unindo gentios e judeus debaixo de uma mesma congregação. Era uma experiência completamente nova de ser comunidade.

A revolução em Antioquia foi tremenda. Os discípulos eram ainda uma espécie de seita judaica, chamados de "nazarenos", pois eram basicamente judeus que acreditavam ser Jesus de Nazaré o Messias de Israel. Mas ali agregaram-se muitos gentios, formando um grupo heterogêneo. Esse pessoal gentílico era tão entusiasmado que surgiu, ali, o termo "cristão" – provavelmente um apelido de cunho depreciativo dado pelo povo da cidade aos gentios que seguiam o Messias judeu. Antioquia tornou-se uma bela igreja, uma comunidade diversa, preocupada com obras sociais e com a propagação da boa notícia do Deus Conosco. Ali provavelmente se desenvolveu a pregação de Saulo a respeito da salvação pela fé e graça de Deus, não pelas obras ou obediência aos preceitos da Torá. A transição narrativa para o mundo gentílico também marca o uso do nome grego de Saulo: doravante, ele aparece como *Paulo*.

Enquanto isso, a perseguição se intensificava em Jerusalém (At 12:1-25). Isso aconteceu entre 41 e 44 d.C., quando Herodes Agripa I (cunhado de Herodes Antipas, o dos evangelhos) recebeu o governo da Judeia do imperador Calígula. Muito entrosado com o templo e o grupo dos fariseus, Herodes acabou por determinar a execução de Tiago, irmão de João – um dos mais jovens discípulos e o primeiro mártir entre os apóstolos. Foram dias terríveis, em que Pedro também foi preso, mas liberto do cárcere por um anjo. Enfim, essa narrativa nos mostra a vontade de Deus

sendo feita: um apóstolo foi escolhido para sofrer o martírio, enquanto o outro, para ser liberto em circunstâncias miraculosas. Ambos os fatos glorificaram a Deus.

Nesse tempo de perseguição provavelmente foi escrita a ***carta de Tiago***. Aqui, trata-se do Tiago mais famoso, irmão de Jesus e líder da igreja em Jerusalém. Tiago parece ser o sucessor de Pedro, que partiu em missões. A carta de Tiago talvez seja o documento mais antigo do Novo Testamento. Foi escrita de Jerusalém para uma igreja basicamente de nazarenos (judeus crentes em Jesus), espalhada pelo mundo, e revela a preocupação de Tiago com seu rebanho, especialmente no que se refere à importância de uma fé autêntica que se evidencie nas obras, na prática coerente e concreta do amor de Deus. Tiago se opôs a crentes que se acomodam e fazem concessões, tentando tirar proveito deste mundo e do Reino que virá. Daí seus importantes ensinos sobre a questão acerca da fé sem obras ser morta (Tg 1:19-27) e sobre a acepção de pessoas (Tg 2:5-9).

A carta de Tiago está bem localizada dentro de um contexto em que a igreja vai migrando do mundo judaico para o gentílico, e precisa encontrar o equilíbrio entre as múltiplas possibilidades que iam se abrindo diante dela.

> *Impulsionados pelo Espírito Santo, seja por meio da perseguição, seja pela revelação da vontade divina, os discípulos espalhavam a boa notícia da salvação no Messias Jesus de Nazaré. Aos poucos suas mentes eram abertas para algo muito maior do que imaginavam: que a sua proclamação seria para mundo inteiro.*

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	10	11

TIAGO:	1	2

Exercícios de fixação
Os atos do Espírito Santo

1. O que significa dizer o livro de Atos tem um percurso geográfico? O que isso revela sobre a intenção de Lucas ao escrever essa narrativa?
2. Por que o milagre do Pentecoste foi subversivo?
3. Quais foram os três "Pentecostes" narrados em Atos e o que eles representam na narrativa sobre o nascimento e os primeiros anos de vida da Igreja?
4. A partir do que vimos até aqui, qual foi a importância da igreja em Antioquia no livro de Atos?

Respostas a partir da página 81.

Até os confins da Terra

A igreja de Antioquia tornou-se o centro da narrativa do autor de Atos, deslocando o foco de Pedro e da comunidade de Jerusalém para Paulo e a nascente igreja gentílica. Dessa grande metrópole partiram as viagens missionárias de Barnabé e Paulo. Foi por meio dele que aconteceria de fato a grande abertura do evangelho para o mundo gentílico. Jerusalém ia ficando para trás, tornava-se a cidade do passado; um mundo vasto se abria ao Messias de Israel.

A expansão para a Ásia Menor

O próprio Espírito Santo separou os apóstolos Barnabé e Paulo para iniciarem as missões na Europa (At 13:1-3). Foi durante essas viagens que Paulo escreveu as suas primeiras cartas, e por essa razão estudaremos esses documentos inseridos ao longo da narrativa de Atos.

A ***primeira viagem missionária de Paulo*** foi na companhia de Barnabé, aquele que era o seu pastor e mentor, tendo com eles mais alguns companheiros, além de João Marcos, primo de Bar-

nabé, que os deixou durante a viagem e retornou para Jerusalém – decisão que algum tempo depois abalaria o relacionamento de Barnabé e Paulo. Foi uma viagem curta, passando por Chipre, cidade natal de Barnabé, e adentrando na Ásia Menor (nome que os romanos davam ao território atual da Turquia). Era uma região de forte cultura grega, tendo também muitas comunidades da Diáspora judaica.

Por isso, a principal estratégia de Barnabé e Paulo era começar o anúncio do evangelho de Jesus Cristo nas sinagogas, onde poderiam apresentar o cumprimento das promessas proféticas na pessoa do Messias crucificado. Um exemplo desse procedimento foi o discurso registrado na visita à sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13:16-43). Paulo apresentou a história de Israel tendo como ápice a morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. A pregação despertou interesse de gentios piedosos presentes ao culto, fazendo com que muitos outros viessem à sinagoga na semana seguinte (At 13:44-52). A grande conversão de gentios ao Messias de Israel gerou problemas a Barnabé e Paulo, levantando certa oposição na cidade e abrindo o precedente que se repetiria ao longo de todas as viagens paulinas: a pregação a partir da sinagoga, a rejeição de parte dos judeus e o crescimento no meio gentílico.

A sequência da viagem na Ásia Menor aconteceu de maneira semelhante. Tanto em Icônio como em Listra e Derbe os apóstolos pregaram na sinagoga, realizaram milagres e acabaram sendo confrontados pelas autoridades religiosas judaicas, tendo que fugir todas as vezes (At 14:1-28). Os problemas foram tantos que Paulo acabou inclusive apedrejado e dado como morto (At 14:19). A primeira viagem missionária de Paulo não teria sido muito promissora não fosse o bom número de convertidos a Jesus deixados naquelas cidades. Paulo dava início a um sonho que pa-

rece ter sido acalentado pelo impetuoso apóstolo: produzir uma sociedade alternativa dentro do Império Romano, uma rede de pequenas comunidades guiadas pelo Espírito Santo, vivendo em amor sob o reinado do verdadeiro rei do mundo, o Messias de Israel, o ressuscitado Jesus de Nazaré.

Pare a leitura e veja o mapa da **primeira viagem de Paulo** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Viagem-Paulo1.jpg

Não sabemos exatamente quando, mas em algum momento Paulo recebeu notícias do que acontecia nas igrejas na Ásia Menor. Os gentios que se converteram ficaram sem direção e acabaram cada vez mais sob orientação dos judeus convertidos locais – e talvez de outros nazarenos vindos de outras regiões. O ensino destes era a necessidade de submissão completa à Torá para a salvação e participação do Reino de Deus. Ou seja, o gentio deveria se tornar judeu para ser salvo. Isso ia absolutamente contra tudo o que Paulo compreendeu de Jesus e do Reino. A novidade do apóstolo, em relação ao que era feito antes, era que o Messias veio para salvar toda a humanidade, e não apenas os judeus. Portanto, ambos seriam aceitos na condição original: judeus como judeus, gentios como gentios, sem diferença ou hierarquia entre eles.

Foi por isso que Paulo escreveu imediatamente a ***Carta aos Gálatas***. É uma carta incisiva, nervosa. Imagine Paulo caminhando de um lado para o outro, furioso, enquanto ditava para um amanuense (um escritor profissional). Gálatas revela a tensão que estava posta entre gentios e judeus nessa nova comunidade

internacional da igreja. Paulo está indignado com esses "legalistas", pregadores que insistem no cumprimento da lei judaica para gentios (Gl 1:6-8; 2:11-14; 4:16-20). Pela primeira vez apareceu o argumento de justificação pela fé, não pela lei (Gl 2:15-21). As vantagens dos judeus pela revelação e educação não serviram para salvação, sendo necessária a graça divina. Se nem os judeus podem se confiar na lei, como obrigar os gentios a ela? Daí o tema central da carta: fomos chamados para a liberdade (Gl 5:1-12). Tal liberdade consiste na libertação do poder do pecado – a vontade de carne –, bem como, da religiosidade e do legalismo – o movimento judaizante dos opositores de Paulo naquele contexto. Porém, a liberdade é mais do que isso, pois ela tem efeito completo desde que entendida a partir de sua finalidade, que é liberdade para servir o próximo mediante o amor, como uma vida de obediência à vontade de Deus e santificação – a vida no Espírito (Gl 5:13-26).

A Carta aos Gálatas demonstra a tensão estabelecida na igreja. Não era algo natural que gentios fossem imediatamente assimilados nas comunidades como tais. Até então, eles deveriam se tornar judeus. Mas a primeira viagem de Paulo e a conversão de muitos gentios – assim como havia ocorrido em sua igreja em Antioquia – obrigou a igreja a tomar uma decisão a respeito desse novo povo adentrando às portas do "Israel renovado". Esse problema se manifestava em cerca de 49 ou 50 d.C., já passadas duas décadas da ressurreição de Jesus. Foi quando apareceram em Antioquia um grupo de nazarenos legalistas pregando na igreja de Paulo sobre a necessidade de gentios se tornarem judeus. Obviamente aconteceu um embate severo, com uma discussão acalorada (At 15:1-2). Para resolver o imbróglio, decidiram levar a questão aos apóstolos em Jerusalém.

Esse episódio ficou conhecido como ***Concílio de Jerusalém*** (At 15:3-35), que foi uma reunião da liderança da igreja para discutir a questão da pregação do evangelho para os gentios. Paulo e Barnabé relataram suas experiências com os gentios, o que levantou uma discussão. Foi nesse momento que a experiência de Pedro com Cornélio, talvez uma década antes, fez a diferença. Esse relato, testemunhando a ação do Espírito Santo sobre os gentios, foi determinante. Depois, Paulo e Barnabé testemunharam dos atos de Deus entre os gentios. A decisão final coube a Tiago, irmão de Jesus e líder da igreja: os gentios não deveriam ser obrigados à lei judaica. Apenas se pedia a eles que evitassem os costumes que, pela convivência com os nazarenos, tornariam um judeu praticante impuro em sua fé. De resto, eram livres. Foi uma vitória de Paulo, mas também a confirmação da vocação internacional da nascente igreja cristã.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	13	14	15

GÁLATAS:	1	2	3	5

A expansão para a Europa

Um tempo depois do concílio de Jerusalém, Barnabé e Paulo decidiram tomar novamente o caminho das missões. Na saída, entretanto, houve um desentendimento a respeito de levar ou não João Marcos, que os abandonou no início da primeira viagem (At 13:13; 15:36-40). A desavença foi tal que eles se separaram em missões distintas. A ***segunda viagem missionária de Paulo*** foi empreendida por ele tendo por companheiro Silas (nome grego de Silvano, a versão romana). Inicialmente Paulo tomou o mesmo caminho de antes, passando pelas igrejas da Galácia na Ásia Menor. Ali encontrou as comunidades convertidas na primeira via-

gem e descobriu o jovem Timóteo, que ele tomou como discípulo e levou junto na viagem. Sua ideia era ampliar as missões na Ásia Menor, mas teve uma visão em Trôade de um jovem pedindo que ele viesse à Macedônia, norte da Grécia (At 16:1-10). É provável que Lucas tenha ingressado no grupo missionário de Paulo a partir de Trôade, já que o texto passa a narrar a viagem na primeira pessoa do plural: "preparamo-nos imediatamente...".

Tinha início a penetração do evangelho na Europa. O primeiro e importante local foi Filipos (At 16:11-40), cidade onde Paulo e Silas sofreram a prisão e até castigos físicos. Mas ao mesmo tempo em que padeceram, tiveram a grata experiência de serem acolhidos por pessoas muito bondosas, como a rica comerciante Lídia e o carcereiro da prisão. Nascia um belo relacionamento com a comunidade cristã dos filipenses. Depois, praticamente expulsos pelas autoridades, partiram para Tessalônica (At 17:1-9), onde tiveram bons resultados em conversões, principalmente de mulheres importantes, como também problemas com a sinagoga local. "Estes que estão revolucionando o mundo chegaram aqui", foi o que disseram. Novamente presos e soltos, deixaram Tessalônica e foram a Bereia (At 17:10-15), onde foram recebidos com uma postura diferenciada pelos membros da sinagoga. Ali também tiveram muitas conversões. Acabaram novamente expulsos por agitação dos religiosos de Tessalônica, o que os fez decidir ir para o sul, penetrando na Grécia clássica. Paulo passou por Atenas, onde teve um encontro com autoridades religiosas locais e pôde defender o evangelho em debate filosófico (At 17:16-34). Entretanto, Atenas era um local de passagem, pois o objetivo mesmo era a grande cidade de Corinto, local em que Paulo, Silas e Timóteo se estabeleceram durante um ano e meio. Ali Paulo conheceu Priscila e Áquila, um casal de judeus já convertidos a

Jesus, com quem passou a trabalhar e evangelizar, discipulando uma forte comunidade gentílica.

Foi nesse tempo que Paulo recebeu notícias de Tessalônica, onde havia deixado uma igreja formada. Havia confusão na cidade sobre a volta de Jesus e as tensões normais de tal expectativa. Muitos não queriam trabalhar, e judaizantes caluniavam Paulo. Diante desses problemas, Paulo escreveu as ***duas Cartas aos Tessalonicenses*** em espaço de poucos meses entre uma e outra. O tom das cartas é tipicamente escatológico: a iminência da volta de Cristo, ao mesmo tempo que se deve ter reservas quanto a qualquer anúncio (1Ts 4:9-18; 2Ts 2:1-5). Há sinais da *Parusia* a aguardar.

Depois de escrever aos tessalonicenses, passando algum tempo ainda em Corinto, Paulo decidiu retornar para a igreja de origem, Antioquia (At 18:18-22). No caminho, deixou Priscila e Áquila em Éfeso a fim de começar um trabalho missionário enquanto ele seguia até a Síria.

Pare a leitura e veja o mapa da **segunda viagem de Paulo** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Viagem-Paulo2.jpg

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	16	17	18	1 TESSALONICENSES:	1	4	2 TESSALONICENSES:	2

Não sabemos exatamente por quanto tempo Paulo ficou na Síria. Por fim, iniciou o que se costuma chamar de ***terceira viagem missionária de Paulo***. O apóstolo tomou o caminho tradicional da Ásia Menor, passando pelas igrejas das viagens anteriores

(At 18:23). Durante esse tempo, apareceu em Éfeso um judeu muito erudito, de Alexandria, chamado Apolo, já convertido a Jesus, mas ainda sem conhecimento muito detalhado da tradição teológica dos apóstolos (At 18:24-28). Ele foi instruído por Priscila e Áquila e partiu para a evangelização. O episódio nos mostra como havia muitos pregadores e missionários pelo Império Romano, e provavelmente muitas igrejas cristãs com ênfases e entendimentos diversos. Atos nos mostra apenas uma parte desse grande e complexo processo.

Paulo finalmente chegou a Éfeso, onde morou durante três anos (At 20:31). A chegada de Paulo em Éfeso foi marcada por um encontro especial com alguns discípulos de João Batista (At 19:1-7). Embora crentes na mensagem de João e o seu batismo para o arrependimento e preparação para a chegada do Messias, eles não sabiam do evento que fundou a igreja: a vinda do Espírito Santo. Naquela ocasião, foram batizados no nome de Jesus Cristo e foram cheios do Espírito Santo. Eles falaram em línguas e profetizaram. Com isso, aconteceu ali um "mini Pentecoste", ou melhor, o cumprimento da promessa do Espírito alcançou aqueles discípulos de João por meio do ministério de Paulo. O apóstolo permaneceu em Éfeso, usando a cidade como uma base missionária a partir da qual evangelizou cidades vizinhas. Ele manteve ali uma igreja bastante ativa formada por judeus e gentios.

Foi durante a estada em Éfeso, a mais longa de suas viagens, que Paulo teve problemas sérios com as igrejas da Grécia, o que o levou a escrever as ***Cartas aos Coríntios***. Nós temos hoje apenas duas, mas as pistas que encontramos em ambas nos demonstram que ele escreveu pelo menos quatro ou cinco cartas aos coríntios. As notícias eram assustadoras. A igreja de Corinto estava rachada entre partidos teológicos: alguns legalistas judaizantes se dizendo

"de Pedro", outros libertinos se dizendo "de Paulo", um grupo racionalista "de Apolo"; havia até os demagogos se dizendo "de Cristo" para promover sectarismo na igreja. Diante da situação, Paulo estimulou a sabedoria humilde (1Co 1:10-30), concluindo que tudo e todos são de Cristo (1Co 3:5-23). Também tratou de diversos problemas relacionados aos cultos pagãos e suas práticas, difíceis de abandonar para aqueles neófitos, e indicou o melhor de todos os caminhos – o amor (1Co 13). Na última carta ainda precisou defender sua reputação como apóstolo (2Co 11:7-10; 12:1-10).

Enfim, Corinto foi uma grande dor de cabeça para Paulo. Ele era um apóstolo sofredor, que carregava consigo as cicatrizes da humildade e rejeição de Cristo. Enquanto isso, a oposição também acontecia em Éfeso, de onde precisou sair às pressas devido a um motim dos ourives, que sofriam prejuízos pelo abandono da deusa Ártemis (At 19:23-40). Paulo decidiu partir para a Grécia (At 20:1-7). A última carta aos coríntios foi escrita da Tessália. Chegando a Corinto, permaneceu ali três meses.

Foi nessa estadia de inverno em Corinto, talvez em 57 d.C., que Paulo escreveu a sua mais monumental obra teológica, a ***Carta aos Romanos***. Em Roma já existia uma igreja entusiasmada, de judeus e gentios, mas que Paulo não conhecia. Ele escreveu a carta para se apresentar, bem como toda a sua doutrina. Tinha muitos amigos ali, como fica evidente no último capítulo, e parece ter tido a intenção de ser auxiliado por essa comunidade para viajar à Espanha, o mais longínquo lugar conhecido do mundo, visto que não era necessário evangelizar em Roma (Rm 15:23-29). A Carta aos Romanos é complexa demais para ser descrita neste curso. Por isso, vamos ao principal. Paulo apresentou a tese de que Deus estabeleceu uma justiça para todo o mundo: todos, tanto

judeus como gentios, estão perdidos sob a condição de pecado, e sujeitos à ira (Rm 1:16-19). Mesmo os judeus estão condenados com a lei. Portanto, a solução somente pode vir de Deus, de quem veio Cristo (Rm 3:21-31). Nada há que possamos fazer a não ser crer e receber a misericórdia. Assim, a justificação é obra da graça de Deus e só pode ser obtida por meio da fé. É por meio do sacrifício de Jesus Cristo que se cumpre as exigências da lei e somos libertos da condenação. O que surge desse processo de justificação e reconciliação com Deus é uma nova vida, habitada e orientada pelo Espírito, cuja conduta é pautada pela prática do amor mútuo (Rm 5 a 8 e 13:8-10). Infinitamente mais profundo do que uma simples adesão a um movimento religioso, Paulo ensina o evangelho como a total dependência de Deus e a uma renovação completa da vida e do modo de pensar (Rm 12:1-2). Definitivamente, uma vida totalmente nova em todos os sentidos.

Depois de enviada a carta a Roma, Paulo retomou a viagem de volta, passando por Trôade (At 20:4-12), onde ressuscitou um rapaz que caiu da janela da casa, e chegou a Mileto (At 20:13-38). Lembre que ele saiu de Éfeso sob risco de vida. Em Mileto recebeu os anciãos de Éfeso e depois tomou o navio para Cesareia, subindo finalmente a Jerusalém (At 21:1-14), onde novos e emocionantes capítulos de sua vida seriam escritos.

Pare a leitura e veja o mapa da **terceira viagem de Paulo** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Viagem-Paulo3.jpg

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	19	20	**1 CORÍNTIOS:**	1	3	13	**2 CORÍNTIOS:**	12	**ROMANOS:**	5	6	8	12

A expansão para Roma

É notável como Lucas apresenta as circunstâncias da prisão e sofrimentos de Paulo na perspectiva da providência divina para levar o evangelho até os "confins da Terra". O livro de Atos e as cartas de Paulo evidenciam que ele não teve ampla aceitação por parte das igrejas como possui hoje. Ele sofreu oposição em praticamente todas as comunidades, até nas que fundou (2Coríntios é um bom exemplo disso), e sempre foi visto com reservas pelos apóstolos em Jerusalém. Chegando na cidade de Jerusalém, precisou responder a perguntas sobre os boatos de que ele estava pregando contra a lei de Moisés. Por fim, aceitou a recomendação de ir ao templo, cumprir rituais judaicos e provar sua ortodoxia (At 21:15-26).

Foi no templo que sofreu novas acusações, sendo alvo de um tumulto e da tentativa de linchamento que ia ficando muito parecido com o que matou Estêvão (At 21:27-40). Entretanto, as autoridades romanas interviram, ocasião em que Paulo teve a oportunidade de discursar para o povo (At 22:1-29). Entretanto, quando chegou no anúncio de que o Messias de Israel era também destinado à salvação dos gentios, a rebelião tomou conta novamente. Paulo somente escapou de ser castigado pelos romanos, como fora Cristo, porque invocou seu direito de cidadania, o que lhe permitia um julgamento antes de ser penalizado. Foi então que começou uma jornada lenta e cansativa em sua vida. Transferido para Cesareia, a capital da Judeia, permaneceu dois anos preso enquanto aguardava julgamento, sofrendo com as tentativas de suborno do procurador romano Félix (At 24:1-27). Foi somente com a chegada de um novo procurador, chamado Festo, que conseguiu apelar para Roma e ser enviado para um julgamento na capital do império (At 25:1 a 26:32).

A viagem a Roma foi dramática. A época não era muito boa, com a proximidade do inverno, e o navio acabou sendo arrastado para o alto mar, onde sofreu um terrível naufrágio (At 27:1-44). A vivacidade da narrativa mostra como o autor do livro, Lucas, estava no navio. Em Malta, uma pequena ilha do Mediterrâneo, Paulo sobreviveu miraculosamente a uma picada de serpente (At 28:1-10). Dali ele e os demais tripulantes e passageiros chegaram finalmente a Roma (At 28:11-16). O apóstolo permaneceu na cidade sob o regime de *custodia militaris*: ele alugava uma casa onde morava e recebia visitas, enquanto permanecia acorrentado a um soldado da guarda pretoriana.

Dessa "prisão domiciliar" Paulo convocou os religiosos das sinagogas de Roma para saber do andamento de sua acusação, oriunda de Jerusalém. Eles nada sabiam. Paulo aproveitou e apresentou a sua pregação – de que Jesus de Nazaré era o Messias de Israel. Eles rejeitaram a ideia e o livro terminou com a afirmação do apóstolo de que "os gentios ouvirão" (At 28:23-28). Assim conclui o livro de Atos: Paulo preso dois anos em Roma, aguardando julgamento, enquanto pregava livremente sobre o Reino de Deus, com toda a intrepidez, sem qualquer impedimento (At 28:30). Com isso, Atos nos faz ver que uma vida de rejeição, injustiças, sofrimentos e prisões não é necessariamente uma tragédia quando se tem a perspectiva de Cristo. E Paulo tinha clareza quanto a isso (leia At 9:15-16 e compare com Fp 3:7-16). Na realidade, Lucas narrou a trajetória de Paulo como a de um genuíno discípulo de Jesus Cristo, que pagou o preço do discipulado e foi poderosamente usado por Deus para a salvação dos gentios, para a formação de igrejas em diversas cidades do império, na formação de novas lideranças para a geração seguinte e para escrever as cartas que hoje formam o Novo Testamento.

O evangelho chegou à capital do Império Romano, onde estavam reunidas pessoas de todos os povos do mundo. O Messias de Israel alcançou os gentios nos confins da Terra.

> *Tendo o apóstolo Paulo como personagem principal, o livro de Atos demonstrou como o evangelho foi levado de Jerusalém até os "confins da Terra". Assim, a boa nova do Messias de Israel era definitivamente aberta para todo o mundo. A obra dos apóstolos, entretanto, ainda não havia terminado. Novos entendimentos ainda estavam por vir.*

Pare a leitura e veja o mapa da **viagem de Paulo a Roma** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Viagem-Paulo-Roma.jpg

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

ATOS:	21	22	23	24	25	26	27	28

Exercícios de fixação
Até os confins da Terra

1. Em qual contexto e em qual carta surge o ensino de Paulo sobre a justificação pela fé? Qual é o tema central dessa carta?
2. O que foi o Concílio de Jerusalém e o que foi decidido?
3. Qual foi a importância da cidade de Éfeso no ministério de Paulo?
4. Qual é a perspectiva de Lucas sobre a prisão e os sofrimentos de Paulo?
5. De que maneira a vida de Paulo exemplifica o caminho do discípulo de Jesus Cristo? Como ela nos encoraja?

Respostas a partir da página 81.

A continuidade da missão

Os registros sobre o início das igrejas cristãs terminam ao final de Atos. O livro não é exaustivo, mas apenas aponta aquele que é considerado por Lucas o principal responsável pela abertura do evangelho aos gentios: o Espírito Santo. E o veículo humano dessa abertura foi o apóstolo Paulo. Isso não significa que ele foi o único a partir em missões, nem que a igreja era um grupo monolítico. O próprio livro de Atos mostra uma grande variedade de pregadores, em que homens e mulheres, pessoas anônimas ou famosas, sábios e iletrados, judeus e gentios são protagonistas dessa história. Em meio a tudo isso se veem ênfases diferentes e uma discussão teológica e doutrinária ainda em construção.

Dois personagens foram bastante importantes, e deles tratará este capítulo. Pedro e Paulo demonstram um tanto da pluralidade do cristianismo em seus primeiros anos. Pedro foi o apóstolo aos judeus, e parece ter focado bastante o seu ministério nos descendentes de Israel. Paulo era o apóstolo que voltou seu olhar para os gentios, razão pela qual ficou conhecido como o "apóstolo aos gentios", ou, como dizem os católicos, "apóstolo das gentes", em-

bora nem um nem outro tenha se limitado com exclusividade a esses públicos, como se observa na presença de Pedro em Antioquia e pelos destinatários de suas cartas, bem como a estratégia de Paulo de pregar primeiramente nas sinagogas judaicas. Ambos demonstram os tipos de igrejas que se poderia encontrar: algumas basicamente de judeus, como verdadeiras sinagogas; outras essencialmente gentílicas, com costumes bem diferentes; e provavelmente igrejas mistas, como a de Corinto e a de Roma.

As cartas da prisão

Não sabemos o que aconteceu entre a primeira prisão de Paulo e a destruição de Jerusalém na Guerra dos Judeus (70 d.C.). O fato é que muitos documentos foram produzidos e começaram a circular entre as igrejas. As cartas que estudamos até aqui são algumas delas. Mas Paulo continuou sua produção mesmo preso. Note que em Atos vemos Paulo em plena atividade como um missionário que viajava para diversas localidades com o objetivo de anunciar o evangelho. As cartas da prisão nos mostram essa pausa no ministério itinerante de Paulo por causa da prisão desencadeada pelo ocorrido em Jerusalém (Atos 21:17-36). Mesmo preso, Paulo se manteve produtivo, adaptado às novas condições. É possível que as chamadas "cartas da prisão" tenham sido escritas por Paulo nesse tempo da primeira prisão em Roma. Talvez tenham sido escritas antes disso, provavelmente em Éfeso, ou mesmo em Cesareia; mas, para facilitar nosso estudo, as inserimos aqui.

A ***Carta aos Filipenses*** pode ter sido escrita de uma prisão em Éfeso. Roma também tem boas possibilidades. É uma bela carta, escrita pelo apóstolo em grande sofrimento para uma igreja por

quem ele nutre grande carinho. É curioso que essa carta, escrita por um prisioneiro, trate da alegria como um imperativo para as pessoas cristãs. Significa que a alegria, que é fruto do Espírito (Gl 5:22-23), deve ser exercitada especialmente quando estamos expostos a situações adversas (Fp 2:18; 3:1; 4:4). A carta fala de Epafrodito, um irmão foi enviado pela igreja para levar auxílio ao apóstolo preso, mas ficou doente e quase morreu. Paulo escreveu para explicar que ele não fugiu com os recursos, mas foi fiel ao extremo. Nessa carta ele ressaltou a importância da humildade, de viver como Cristo viveu (Fp 2:1-11), e que a abnegação que vemos em Jesus também pode ser vista em seus discípulos, como Timóteo (Fp 2:19-24), Epafrodito (Fp 2:25-30), e o próprio Paulo (Fp 1:12-30). Também avisou sobre o problema que sempre o perseguiu: os legalistas judaizantes (Fp 3:2-19). De qualquer maneira, é uma carta de alguém muito alegre pelo afeto da igreja, demonstrado em atos concretos de auxílio (Fp 4:10-20).

Outras duas cartas da prisão foram escritas juntas, aos colossenses e a Filemon. A ***Carta aos Colossenses*** foi escrita a uma igreja fundada por Epafras, um cooperador do apóstolo. Nesta carta, Paulo apresentou a supremacia de Cristo; ele é a imagem do Deus invisível; tudo foi criado nele, por ele e para ele (Cl 1:15-20). Ele é chefe de homens e anjos, razão pela qual devem ser abandonadas filosofias inúteis e legalismo (Cl 2:9-23). Ao final da carta, ele recomendou Tíquico, que seguia com Onésimo, o portador da carta (Cl 4:9). Enviou saudações da parte de João Marcos, primo de Barnabé que havido sido motivo de discussão e separação entre eles, o que sinaliza uma possível reconciliação (Cl 4:10). Onésimo foi a razão da escrita da ***Carta a Filemon***. Este era um homem rico, membro da igreja de Colossos, e o dono do escravo Onésimo. Nesta carta, a mais pessoal que temos de Pau-

lo, o apóstolo pediu que Filemon tivesse piedade e não aplicasse a severidade do castigo imposto a escravos fugidos. Audaciosamente, Paulo pediu que o considerasse como um irmão. Se aos colossenses ele afirmou que em Cristo não há escravo nem livre, a Filemon ele pediu que exercesse isso na prática, voluntariamente (Fm 8-18), como obra de um amor que nele se aperfeiçoava e já se viam frutos (Fm 4-7).

A ***Carta aos Efésios*** foi a última escrita de uma prisão nesse período da vida de Paulo. Fugindo do padrão paulino, essa carta não possui destinatários, razão pela qual alguns acreditam ser um documento circular ou a carta perdida a Laodiceia (Cl 4:16). É um documento com instruções gerais para a vida cristã. Sua introdução apresenta a obra salvadora de Cristo, o que tem implicações importantes para a cristologia e o entendimento da Trindade (Ef 1:3-14). Toda a obra salvadora foi operada por Jesus, razão pela qual ela é gratuita (Ef 2:4-10). Efésios é o texto teologicamente mais importante que possuímos para o assunto "igreja". Ao crente cabe perseverar, utilizando as armas que o próprio Espírito Santo nos fornece para lutar contra as potências malignas deste mundo (Ef 6:10-18).

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

FILIPENSES:	2	3	4	**COLOSSENSES:**	1	2	4	**FILEMON:**	1	**EFÉSIOS:**	1	2	6

Ministério posterior de Paulo e Pedro

Como já mencionado, não temos dados concretos sobre a história da igreja no primeiro século depois do livro de Atos. Há pequenas pistas que nos ajudam a montar um quadro maior. O líder da igreja de Jerusalém, Tiago (irmão de Jesus), foi mar-

tirizado em 62 d.C., apedrejado pela multidão enfurecida. A tradição da igreja primitiva conta que Paulo foi absolvido em seu primeiro julgamento, o que pode ter ocorrido cerca de 63 d.C. Se conseguiu ir à Espanha, conforme seu plano revelado aos romanos, não se sabe. Mas acredita-se que sim, se levar em conta a perseverança do apóstolo. Provavelmente tenha voltado às igrejas da Ásia Menor e Grécia, mas realmente não sabemos. Foi nesse tempo que Paulo demonstrou preocupação com o futuro da igreja, razão pela qual escreveu as cartas chamadas "pastorais". São elas 1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo.

A ***Primeira Carta a Timóteo*** foi endereçada ao seu discípulo mais próximo, aquele com quem Paulo compartilhava os sofrimentos da vida missionária. Nela encontramos o belíssimo testemunho de Paulo sobre a sua experiência de conversão e chamado ao ministério (1Tm 1:12-17). Timóteo era um jovem tímido, de saúde frágil, a quem ele deu uma série de orientações sobre como dirigir uma comunidade cristã. Seu conselho trata de como escolher lideranças (1Tm 3:1-13), bem como o cuidado com os falsos mestres e suas discussões inúteis (1Tm 6:3-12). É uma carta repleta de conselhos práticos para diversos assuntos da vida da igreja, razão pela qual é tão atual e importante para a formação de liderança cristã em todos os tempos.

A ***Carta a Tito*** é muito semelhante em seu conteúdo com 1Timóteo e visa instruir e encorajar Tito no trabalho ministerial. Tito era outro discípulo de Paulo, um gentio convertido ao evangelho, "filho na fé" de Paulo. Nesta carta encontramos uma das mais preciosas sínteses da obra do evangelho na vida dos crentes (Tt 2:11-14). Parece ter sido homem calejado, apto a lidar com situações controversas e tarefas indigestas. Foi ele quem Paulo deixou em Creta para lidar com uma igreja bem pouco promis-

sora e cheia de problemas. Havia muitos insubordinados naquela igreja que Paulo alertou a ter cuidado. Daí a preocupação com eles – sempre eles! –, os legalistas, que ainda continuam sendo um problema na vida das comunidades cristãs (Tt 1:10-15; 3:9-10). A carta é um testemunho de que o investimento pastoral não deve se ater apenas nos ambientes amenos e respeitáveis, mas principalmente atingir pessoas e comunidades complicadas.

Pedro, uma das "colunas da igreja", também estava preocupado com a igreja e seus desdobramentos neste mundo tenebroso. Conforme a idade dos apóstolos avançava, crescia a percepção de que Jesus demoraria mais para voltar do que eles imaginavam, bem como a preocupação com o futuro das comunidades cristãs. Disso decorre a escrita da ***Primeira Carta de Pedro***. Trata-se de uma carta circular, escrita da "Babilônia" (1Pe 5:13), uma referência judaica muito irônica a Roma. Os cristãos eram majoritariamente pobres, escravos e iletrados; o evangelho prosperava nas cozinhas das grandes casas romanas, não em seus salões. Daí um imenso preconceito e opressão, razão pela qual era preciso fortalecer a fé desse povo desprezado. O apóstolo queria que os discípulos compreendessem que são peregrinos neste mundo (1Pe 1:1; 2:11), um novo sacerdócio levantado pelo próprio Jesus (1Pe 2:4-10), aguardando a volta de Cristo (1Pe 4:7-11), razão pela qual deviam mesmo esperar lutas terríveis neste mundo, mas certos da glória final que os esperava (1Pe 5:8-11).

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

1 TIMÓTEO:	1	3	6	**TITO:**	1	3	**1 PEDRO:**	1	3	4	5

As cartas dos mártires

As comunidades cristãs eram bastante simples, cujas reuniões aconteciam em casas pobres e eventualmente em outras mais abastadas, quando algum rico se convertia. Mas o padrão era de gente pobre e escravos, o que era motivo de escárnio dos eruditos gregos e romanos. Além do desprezo costumeiro pela condição social dos cristãos, havia o fato de confessarem uma religião não reconhecida pelo império, e por isso mesmo, pouco conhecida. Práticas como "comer a carne e beber o sangue de Cristo", a Santa Ceia, tornava-se "canibalismo" na boca fofoqueira; o considerar-se mutuamente irmão e irmã gerava o boato de "incesto". Enfim, a ideia de um Deus que se torna homem para morrer crucificado era considerado um absurdo – como de fato é (1Co 1:18-2.5). Mas os discípulos caíam aos pés de Jesus justamente por isso; era o Deus que se identificava com eles, sofria com eles, e lhes trazia uma família e uma vida repleta de esperança em um outro mundo possível.

O desprezo cotidiano pelos cristãos tornou-se em perseguição direta em Roma ao final do governo do imperador Nero. Um incêndio ocorrido em 64 d.C. destruiu dois terços da cidade, abrindo rumores de que o próprio Nero fora o responsável. Ele, político astuto, acusou os cristãos, essa seita estranha que se reunia em segredo e anunciava o fim do império na chegada do Reino de Deus. É bastante possível que nessa perseguição, restrita a Roma e ao tempo de Nero, tenham sido presos Paulo e Pedro, levados a julgamento e executados.

Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre as **perseguições aos cristãos** no link: https://youtu.be/hPuwEdSML54

Foi da segunda prisão em Roma, possivelmente já ciente de que seria condenado ao martírio, que Paulo escreveu a ***Segunda Carta a Timóteo***. Leia esta carta com essa perspectiva: Paulo sabe que seu fim chegou. Ele escreveu para seu mais dileto discípulo, a quem via como um filho. Estava jogado no fundo de uma prisão horrível, não mais aquela prisão domiciliar. Ele estava na *custodia publica*, uma verdadeira masmorra, um buraco no chão onde não se fornecia sequer água. Cada condenado se virava com os recursos recebidos de seus familiares em visitas concedidas a muito suborno. Além disso, estava abandonado pela maioria das igrejas, inclusive traído por pessoas próximas. Mas sabia que era um prisioneiro de Cristo, em quem depositava sua esperança (2Tm 1:6-18). Em tom de despedida, Paulo deu os últimos conselhos a Timóteo (2Tm 2:1-23), avisou sobre a maldade dos homens e seus caminhos (2Tm 3:1-12) e para tomar cuidado com o tempo da apostasia que se avizinhava (2Tm 4:1-8).

Segundo informação em carta escrita por Clemente Romano, Paulo teria sido martirizado em Roma por decapitação. Era a forma de execução de um cidadão romano, o que nos leva a pensar como Paulo nasceu judeu e morreu como gentio. Levou até o fim seu ministério com os povos reunidos pelo seu Messias. Além dele, Pedro também estava em Roma e foi preso na mesma perseguição. E, como Paulo, deixou sua última comunicação à igreja de Cristo.

A ***Segunda Carta de Pedro*** também deve ser compreendida à luz da perseguição e do sofrimento. Alguns chamam essa carta de "epístola da verdade", a última obra do pescador da Galileia preocupado com a continuidade da igreja, falando às gerações futuras. Ele escrevia com a autoridade do maior líder da igreja e dos apóstolos – a rocha sobre a qual Jesus construiu sua igreja. Come-

çou com a bela afirmação de que Cristo nos faz participantes da natureza divina (2Pe 1:3-4) e afirmou a importância da doutrina dos apóstolos como testemunho de Jesus (2Pe 1:13-19). Assim como Paulo, estava preocupado com os falsos mestres (2Pe 2:2-3; 3:3-10), razão pela qual também corroborou os escritos de Paulo, difíceis de entender e que muitos distorciam (2Pe 3:15-18).

Também baseado em Clemente Romano, acredita-se que Pedro tenha sido martirizado em Roma por meio de crucificação, pena aplicada aos bandidos e traidores da pátria. Também reza a lenda que ele teria pedido para ser crucificado de cabeça para baixo por não ser considerado digno de morrer como Jesus. É por isso que a tradição católica tem na cruz invertida o símbolo de São Pedro.

> *Pedro e Paulo foram os principais personagens de Atos, simbolizando a própria igreja de Cristo: uma comunidade judaica aberta para os gentios. O primeiro foi chamado o "apóstolo aos judeus", e o segundo, o "apóstolo aos gentios". Foram os principais proclamadores do evangelho, usados pelo Espírito Santo para deixar à igreja porções significativas da Palavra de Deus. Mas ainda havia mais a ser revelado às futuras gerações de seguidores de Jesus.*

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

2 TIMÓTEO:	1	2	3

2 PEDRO:	1	2	3

Exercícios de fixação
A continuidade da missão

1. Qual é a importância do livro de Atos?
2. Quais são as "cartas da prisão" e em qual contexto elas foram escritas?
3. O que as cartas 1 Timóteo e Tito têm em comum?
4. O que as cartas 2 Timóteo e 2 Pedro têm em comum?

Respostas a partir da página 81.

O fim da Era Apostólica

A igreja havia se espalhado por todo o Império Romano e para além dele, seguindo também a Diáspora judaica. Não foi uma conversão em massa, mas um grande espalhamento, cujos protagonistas foram discípulos anônimos, escravos, enfim, pessoas comuns, além dos apóstolos. Os cristãos eram conhecidos por diversos termos além de "cristão", que em sua origem era uma expressão depreciativa. Eram a "seita dos galileus" ou, no caso de judeus, os "nazarenos". Os discípulos gostavam de se intitular "os do Caminho". O fato é que o tempo estava passando, Jesus não voltava, e os apóstolos estavam morrendo um a um. Não há dados concretos, mas a tradição da igreja afirma que todos foram martirizados, exceto João, que morreu preso na ilha de Patmos. Mas vejamos quais foram os fatos importantes desse ocaso da era apostólica.

A centralidade de Cristo nas obras tardias

A volta de Cristo, na qual seria visível e definitiva a implantação do Reino de Deus, estava demorando. Os apóstolos, testemunhas oculares de sua ressurreição, iam sendo martirizados. A igreja funcionava na base da oralidade ao transmitir as histórias sobre Jesus, tendo talvez alguns testemunhos escritos que foram perdidos. Mas novas gerações, que não testemunharam diretamente sua vida, ministério e ressurreição, estavam nascendo. Então os documentos que viriam a serem conhecidos como "evangelhos" foram escritos. Assim, foi necessário passar o testemunho da primeira igreja da oralidade para o texto, para que as novas gerações tivessem acesso a narrativas confiáveis acerca de Jesus de Nazaré, o Messias e Senhor.

Os quatro evangelhos eram documentos que compilavam as tradições locais em torno de Jesus, e podem ser rastreados no entorno das principais comunidades cristãs primitivas, as igrejas que cultuavam a Cristo em cidades importantes como Jerusalém, Antioquia, Roma e Éfeso. Foi nessas igrejas maiores que se desenvolveu a tradição que daria origem aos diferentes evangelhos. Provavelmente cada uma delas produziu um material a partir de apóstolos e testemunhos diversos circulando em sua igreja.

Assim, a igreja de Jerusalém teria sido a mãe do ***Evangelho de Mateus***, conjunto de textos direcionados especialmente aos judeus e bastante relacionado aos profetas do passado. A igreja de Roma, onde Pedro esteve por algum tempo ao final de sua vida, seria a origem das tradições que resultaram na escrita do ***Evangelho de Marcos***, um documento sucinto, mas repleto de autoridade apostólica. A igreja de Antioquia seria a produtora e distribuidora do ***Evangelho de Lucas***, bastante focado nos gentios e, prin-

cipalmente, na ação de Jesus por meio do Espírito Santo, obra pensada em dois volumes cujo complemento foi o livro de Atos, escrito junto ao evangelho. Finalmente, a cidade de Éfeso, fruto do trabalho missionário de Paulo e local onde viveu o apóstolo João durante boa parte da vida e de seus últimos anos, teria sido a produtora e distribuidora do ***Evangelho de João*** – o último a ser escrito, talvez por volta do ano 80 d.C.

Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre os **evangelhos** no link abaixo: https://youtu.be/kRVOTmtgL0s

Outra obra importantíssima, escrita ao final da era apostólica, foi o ***Livro de Hebreus***. Pouco se sabe desta obra. Não é exatamente uma carta, está mais para um conjunto de pregações em um encadeamento lógico, que trata fundamentalmente da supremacia de Jesus Cristo. Sua autoria também é desconhecida: há quem defenda Paulo, o que é pouco provável, ou Barnabé, Apolo, Priscila, Silas ou Timóteo. O fato é que Orígenes (no século II) afirmou que apenas Deus sabe quem a escreveu, mas que não resta dúvida ser obra apostólica da igreja. Hebreus foi escrito basicamente a nazarenos, os crentes judeus espalhados pelo mundo romano. Revela uma cristologia avançada, fundamental para compreender a natureza do Filho e a importância da encarnação. Jesus é apresentado como o Filho de Deus, sendo o próprio Criador do mundo (em seu aspecto eterno), mas ao mesmo tempo Redentor do mundo (em seu aspecto histórico) (Hb 1:1-8). O centro do argumento é que ele é mediador entre Deus e homens justamente pela sua humanidade, por ter sofrido como os homens (Hb 2:9-18). Jesus é superior em tudo em relação à lei sacerdotal

antiga, como um sacerdote obediente e submisso a Deus, aperfeiçoado no sofrimento (Hb 5:7-10). A consequência é a liberdade que temos para ir a Deus e sermos salvos (Hb 10:19-25).

Jesus era o centro da experiência dos primeiros cristãos, adorado nas reuniões desses discípulos espalhados pelo império, relembrado nas narrativas, registrado em documentos escritos e pensado em obras teológicas.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

HEBREUS:	1	2	5	10

A destruição de Jerusalém e o mundo dos gentios

O contexto do final do primeiro século da era cristã foi tenebroso. O mundo judaico parecia em chamas. Muitos messias surgindo na Judeia com a promessa do Reino de Deus. Isso provocava a reação do Império Romano, o que resultou em muitos massacres e guerras. Foi o que aconteceu no verão de 66 d.C., quando uma rebelião tomou conta de Jerusalém e conseguiu vencer a guarda romana local. O levante tomou conta de toda a Judeia, depois Samaria e Galileia, e os rebeldes conseguiram até derrotar uma legião romana. Algum tempo depois os romanos vieram com a potência de suas legiões e foram destruindo os exércitos judaicos um a um até a chegada em Jerusalém. Era o ano de 70 d.C., quando Tito incendiou a cidade e destruiu o Templo. No dia 29 de agosto os sacrifícios foram encerrados no templo para nunca mais voltarem. Ainda houve resistência na fortaleza de Massada, no deserdo da Judeia, até ser invadida pelos romanos e destruída em 73 d.C.

Pare a leitura por aqui e veja o vídeo sobre a Guerra dos Judeus no link abaixo: https://youtu.be/4A0fCHjhUlk

A igreja de Jerusalém era, a essas alturas, liderada por outro irmão de Jesus chamado Simeão. Sabendo das profecias de Cristo a respeito da destruição iminente (Mateus 24 e Marcos 13), ele e todos os nazarenos residentes na cidade fugiram assim que começou a rebelião, seguindo o conselho do Mestre. O fato foi malvisto pelas comunidades judaicas, que a partir de então passaram a proibir a entrada de nazarenos nas sinagogas, dando início ao processo de separação entre judaísmo e cristianismo.

Por outro lado, as igrejas cristãs estavam ficando cada vez mais gentílicas, adentrando profundamente no mundo greco-romano. Nesse contexto, a defesa das crenças no Messias de Israel precisava ser explicada a filósofos e pensadores. Além disso, possíveis adaptações da mensagem do evangelho acabavam minando o entendimento sobre Jesus. As pitadas de filosofia grega que iam sendo assimiladas foram positivas em alguns aspectos, como o uso do *logos* para explicar Jesus. Mas também trouxeram problemas. Esses problemas foram enfrentados justamente pelas últimas cartas do Novo Testamento.

A ***Carta de Judas*** foi escrita por um certo Judas (que alguns acham ser um dos irmãos de Jesus) com o propósito de combater as heresias de pessoas fingidas dentro da igreja. É um documento curto, lutando contra a ideia de uma graça divina libertina e barata (Jd 4), procedente de alucinações proféticas e desprezo pelas autoridades pastorais da igreja (Jd 8 e 16). Judas combate as pessoas que valorizam mais a aparência do que a essência, relativizam a

Palavra de Deus e manipulam os descontentes. A orientação para os líderes era buscar a Deus e tratar cada caso dentro de sua especificidade (Jd 22-23). A Carta de Judas apresenta uma grande similaridade com a Segunda Carta de Pedro.

Já as ***Três Cartas de João*** foram escritas pelo apóstolo João, provavelmente o mesmo do evangelho. Elas tocaram diretamente o problema de certos espiritualistas que afirmavam a imaterialidade ou transcendência de Jesus, negando a sua encarnação real na história. Para eles, Jesus era essencialmente divino e, portanto, de uma santidade que não poderia se relacionar com a matéria. Havia neles algum toque de "proto-gnosticismo", que considerava o espiritual como bom e o material como mau, doutrina que ficou conhecida como docetismo. Então a ideia de Deus (espiritual) feito homem (material) ficava inaceitável. Entretanto, a afirmação apostólica era de que Jesus era Deus andando entre os homens como homem perfeito e pleno. Daí a insistência do apóstolo em afirmar seu testemunho ocular e palpável de Jesus: "nós o vimos, ouvimos e tocamos!" (1Jo 1:1-4). Sua palavra contra tal espiritualidade desencarnada é contundente (1Jo 1:8 a 2:2). Aquilo que realmente considera perigoso eram os desejos da lascívia, da cobiça e da ostentação (1Jo 2:14-17), padrões mundanos que devem ser mantidos à distância. Enfim, acima de tudo, João elogiou a excelência do amor (1Jo 4:7-20). As outras duas cartas são basicamente anexos: a segunda é uma recomendação à congregação, e a terceira, um bilhete a certo Gaio. As três cartas mostram que a essência da vida do discípulo de Cristo é a verdade e o amor.

Neste tempo as igrejas já haviam penetrado bastante no mundo greco-romano, vivendo as vantagens e desvantagens dessa condição. Com Jerusalém e o templo destruídos, a proclamação do Reino de Deus tornava-se cada vez mais universal.

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

JUDAS: 1 **1 JOÃO:** 1 2 4

Maranata! Vem, Senhor Jesus

As igrejas cristãs estavam espalhadas pelo Império romano e para além dele. A maioria delas ainda passava desapercebida, exceto em momentos e locais específicos, como a crise enfrentada sob Nero em Roma. No geral, eram comunidades pequenas, de pessoas pobres, escravos, tendo também algumas pessoas mais importantes ou instruídas que foram se convertendo aos poucos. As reuniões tinham grande foco na proclamação do evangelho – Deus se fizera homem, trouxe o perdão e reinava entre eles. As tradições orais foram se diluindo, mas documentos escritos começavam a circular entre as igrejas. O corpo de cartas paulinas e os quatro evangelhos eram exemplo desses agrupamentos que eram tomados como autoridades na questão da fé.

Não havia uma Bíblia disponível a cada cristão. Cada comunidade tinha um ou outro documento, que eventualmente era lido nos cultos. O início do Apocalipse ilustra bem a situação: "Bem-aventurado aquele que lê (singular), e os que ouvem as palavras desta profecia (plural)" (Ap 1:3). Uma pessoa letrada fazia a leitura pública, os demais ouviam e assim memorizavam a palavra. Era uma proclamação bastante oral. Daí a importância das narrativas, das histórias sobre Jesus e a igreja.

Eram histórias que lembravam da experiência do Deus Conosco, ao mesmo tempo em que aguardavam ansiosamente o dia em que ele voltaria, os sofrimentos acabariam e os crentes viveriam para sempre com seu Salvador e Senhor no mundo transformado.

Entretanto, as coisas se complicaram seriamente ao final do governo de Domiciano (imperador entre 81 e 96 d.C.). Preocupado com a identidade do império, ele promoveu a religião romana tradicional, atacando as religiões não reconhecidas – e entre elas estava o cristianismo. Mas havia um lugar em especial onde foi praticado um culto ao imperador: a Ásia Menor. Cidades como Esmirna e Pérgamo disputavam a honra de sediar um templo dedicado ao imperador, chamado de "filho de deus" e "salvador" do império. Pois nessa região foi deflagrada a primeira perseguição séria e com motivo civil-religioso contra os cristãos, em cerca de 95-96 d.C. Muitos cristãos rejeitavam o culto ao imperador, considerado encarnação da divindade de Roma, e pagavam com a própria vida por essa "falta de patriotismo".

Foi nesse contexto que um certo João – que não se sabe se é o apóstolo ou outro ancião importante – escreveu o ***Apocalipse***. A tendência é acreditar ser o apóstolo mesmo. Esse livro é uma carta circular a sete igrejas da Ásia Menor situadas nas proximidades de Éfeso, principal igreja da região, fundada por Paulo e dirigida por João. A carta é baseada em uma série de visões do apóstolo quando exilado na ilha-prisão de Patmos, próxima à costa do Egeu. O propósito dessa série de visões foi revelar a realidade do mundo. Embora estivessem vendo o poder demoníaco do maior império que o mundo já viu oprimindo a igreja, na verdade o domínio não pertencia a ele. Era um poder completamente ilusório; o verdadeiro poder pertencia ao Senhor Jesus. A mensagem do Apocalipse é fundamentalmente de esperança. Para comunicar essa verdade, as visões refletem uma vasta simbólica que remetia às profecias das escrituras hebraicas e a toda uma linguagem cataclísmica típica da literatura judaica. Por isso, a obra é uma grande doxologia: apesar do sofrimento e do sangue derramado, o

Cordeiro é adorado pela sua vitória (Ap 4:1-11; 5:1-14). Ao final de uma sequência de setenários (agrupamentos de sete visões), o Cristo vivo, Senhor dos senhores e Rei dos reis aparece em seu glorioso retorno (Ap 19:11-21).

A obra termina com um grande tribunal de julgamento, o fim do sofrimento e, finalmente, a descida do Reino de Deus a este mundo. Jesus voltará, e este mundo será transformado, renovado para sempre (Ap 21:1-8). Por isso, a conclusão é um convite à graça: quem tiver sede e quiser alívio, venha e beba, e participe dessa grande salvação (Ap 22:16-17). A água da vida está disponível agora.

> *O fim da era apostólica marca também o fim da história da Judeia como nação na antiguidade. Foi um tempo difícil, marcado pelo paradoxo de um reino em andamento, mas ainda não completado. A igreja precisava continuar diante dos novos desafios, e respostas foram dadas pelos últimos apóstolos vivos. A maior das revelações afirmou que Jesus Cristo é o senhor da história, e que nada temos a temer. Se o Antigo Testamento termina com grandes perguntas, o Novo Testamento encerra essa narrativa grandiosa com um final apoteótico: Cristo voltará em glória, e tudo se fará novo. Esta é a nossa esperança.*

Pare a leitura por aqui e abra sua Bíblia. Leia os capítulos abaixo.

APOCALIPSE:	1	4	5	19	21	22

Exercícios de fixação
O fim da Era Apostólica

1. Em qual contexto os evangelhos foram escritos?
2. Quais igrejas foram as mães dos evangelhos?
3. De que maneira a Carta aos Hebreus nos apresenta Jesus?
4. O que o livro do Apocalipse, em síntese, nos apresenta sobre a realidade?

Respostas a partir da página 81.

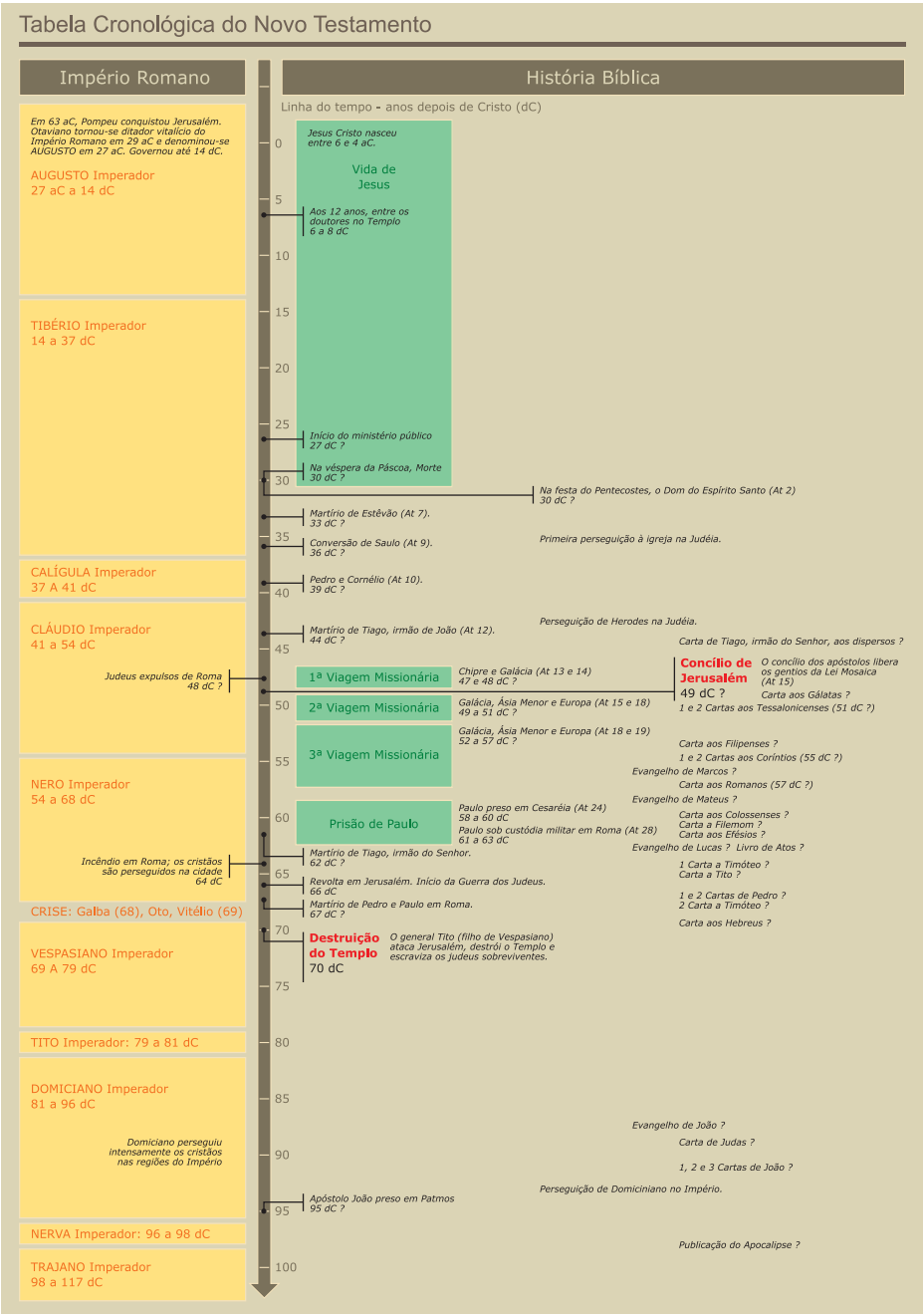
Conclusão: Deus Conosco

Essa visão panorâmica do Novo Testamento procurou compreender, de maneira cronológica e teológica, como Deus respondeu ao problema do pecado humano desde a Queda, cumprindo a promessa apresentada durante tantos séculos antes e registrada no Antigo Testamento. As profecias eram múltiplas, apresentando metáforas por vezes desconcertantes. Viria um rei eterno; também um servo que sofre os pecados de todos sobre si; um profeta que ensinaria ao povo; o pastor bondoso a cuidar das ovelhas; um sacerdote verdadeiramente fiel.

A grande revelação que aqueles judeus do primeiro século receberam é que o próprio Deus veio a eles. De maneira inesperada, Ele mesmo reuniu todas aquelas características profetizadas em uma única pessoa – o homem Jesus Cristo, nascido na carne, gente como a gente. Padecendo o nosso sofrimento, mas muito mais do que nós: padecendo por nós, em nosso lugar. O apóstolo Paulo, quando se deu conta do tamanho da revelação, exclamou: isso é escândalo para os judeus e loucura para os gregos! Absolutamente inesperado, invertendo todas as lógicas mundanas sobre como

qualquer deus ou mesmo um rei deve se comportar. Mas esse era o verdadeiro Deus e verdadeiro Rei de Israel.

Essa revelação significou uma nova vida, uma nova realidade para esse rebanho conquistado por Jesus. Como se não bastasse, a presença de Deus foi ainda mais explicitada pela vinda do *Parácleto*, o Consolador – o Espírito Santo. Ele conduziu a igreja a levar essa notícia de Jerusalém até os confins da Terra. E estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também até nós. Que possamos levar adiante essa boa nova que nos foi transmitida.



Baixe esta **tabela cronológica** no link abaixo:
https://andredanielreinke.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Tabela.pdf

Exercícios de fixação
Respostas

A vinda de Jesus Cristo

1. Qual é a grande diferença entre o *logos* da filosofia grega e o *logos* empregado por João?
Resposta: O *logos* da filosofia grega é impessoal e incomunicável com o mundo, enquanto o *logos* de João é palavra encarnada na dimensão da vida humana.

2. Quais são as características do Cristo como o *logos*?
Resposta: 1) preexistente e agente da criação; 2) divino, pois o *logos* estava com Deus e era Deus; 3) pessoal, identificado com Deus, mas distinto do Pai; 4) encarnado como homem, demonstrando que Deus entrou na história em carne e osso por meio de Cristo; 5) e por meio desse Deus revelado em homem é entregue a luz, a graça, a verdade e o próprio Deus.

3. O que Zacarias, Maria, Simeão, Ana e João Batista nos permitem afirmar sobre a relação de Jesus com o Antigo Testamento?
Resposta: Que a vinda de Jesus ao mundo é o cumprimento de sonhos, profecias e esperanças do povo de Israel registradas no Antigo Testamento.

4. O que as narrativas sobre o nascimento de Jesus, a cidade em que ele fora criado e as expressões de gratidão a Deus nos cânticos de Maria e de Zacarias dizem sobre a situação e a esperança daquele povo?
Resposta: Que Deus enviou o seu filho para as pessoas oprimidas por um poderoso império. Deu sonhos e voz a idosos, manifestou-se a uma adolescente por meio de quem trouxe o seu filho ao mundo, agiu a partir das periferias do seu contexto e não a partir das grandes cidades. Jesus é o Rei entre os pobres.

O ministério de Jesus Cristo

1. O que Jesus estava ensinando para Nicodemos ao falar sobre "nascer de novo"?
Resposta: Nascer de novo significa que o homem não tem solução a não ser nascendo "do jeito certo", isto é, sob a ação regeneradora do Espírito Santo. E, a partir desse novo nascimento, passa a viver na dimensão do Espírito, que é absolutamente irresistível, independente e incompreensível. Nascer do Espírito significa ser controlado por ele.

2. Qual era o grande assunto das pregações de Jesus e o seu anúncio fundamental?
Resposta: O Reino de Deus.

3. O que significa entrar no Reino de Deus, ou, receber a vida eterna?
Resposta: Significa pertencer à dimensão do Reino dos Céus, que é o ambiente em que Deus reina plenamente. Isso nos ajuda a entender que o Reino de Deus consiste no seu governo sobre a vida do seu povo hoje e não apenas uma esperança futura.

4. O que é o Sermão do Monte?
Resposta: O Sermão do Monte pode ser entendido como o coração do Evangelho. Ele consiste em uma compilação de pregações e metáforas que trazem à luz os princípios que nos ajudam a compreender que o Reino de Deus está em oposição aos reinos deste mundo, revelando a perspectiva de Deus sobre a comunidade dos discípulos e os valores pelos quais ela deve viver.

5. Por que a ideia do Cristo como o Servo Sofredor era conflitante com o pensamento das pessoas?
Resposta: Porque as pessoas pensavam em um Messias que governaria o mundo a partir de Jerusalém, portanto, um Messias-rei dominador segundo as categorias humanas de pensamento. No entanto, Jesus se apresenta como o Servo Sofredor mostrando o que um verdadeiro rei faz: representa o seu povo na luta contra as trevas, morre por aqueles que ama, seve àqueles que governa.

6. O que significa ser um discípulo de Jesus?
Resposta: o discipulado consiste em seguir os passos do Mestre, Messias e Senhor e viver sob a sua disciplina.

A vitória de Jesus Cristo

1. Qual é a importância do contexto da Páscoa judaica para entrada e os últimos eventos da trajetória de Jesus em Jerusalém?
Resposta: A Páscoa era a grande celebração da libertação da escravidão do império egípcio que os oprimiu. Nos dias de Jesus, Roma era o império opressor. O povo que acompanhou Jesus até Jerusalém cantava "Hosana", que era um clamor por salvação. Com isso, estava montado um cenário em que Jesus seria considerado o rei libertador do povo que estava sob o jugo romano, o que dias depois o levaria a julgamento, condenação e crucificação.

2. Qual novo elemento Jesus introduziu na celebração da Páscoa?
Resposta: Jesus era o cordeiro pascal que seria sacrificado. Por isso, usou o pão e o vinho como representação simbólica do seu sacrifício para a nova aliança. O principal ingrediente do pão é o trigo, cuja semente precisa morrer, ser triturada e amassada para se tornar alimento; e o vinho, cuja fruta também morre ao ser esmagada e transformada no alimento e na alegria.

3. O que significa dizer que Jesus refez o caminho de Adão?
Resposta: Significa que diante de Adão e de Jesus havia sido colocada a possibilidade de obedecer a Deus, ou não. Onde Adão falhou ao desobedecer, Jesus venceu ao sujeitar-se à vontade do Pai, mediante uma grande batalha interior para, finalmente, beber do cálice que lhe estava proposto. Por meio da obediência de Jesus, a nossa condenação e morte se transformam em libertação e vida.

4. Qual é a diferença entre a ressurreição de Jesus e as demais ressurreições registradas na Bíblia?
Resposta: A ressurreição de Jesus foi escatológica, uma prévia da ressurreição que ocorrerá com todos os salvos em Cristo no final dos tempos. Por isso, é uma ressurreição para a vida eterna, com um novo corpo, que é incorruptível. A ressurreição de Jesus foi o primeiro ato do Último Dia.

Os atos do Espírito Santo

1. O que significa dizer o livro de Atos tem um percurso geográfico? O que isso revela sobre a intenção de Lucas ao escrever essa narrativa?
Resposta: A missão dos apóstolos, impulsionada e dirigida pelo Espírito Santo, sai de Jerusalém, passa pela Judeia, alcança a Samaria, isto é, a Palestina inteira, em seguida alcança a Síria, Ásia Menor, Grécia e Roma. Com isso, é um percurso geográfico de Jerusalém até "os confins da Terra". A intenção de Lucas é mostrar como o evangelho foi levado do mundo judaico ao mundo gentio, alcançando todos os povos e, dessa maneira, cumprir a promessa bíblica feita aos patriarcas.

2. Por que o milagre do Pentecoste foi subversivo?
Resposta: Porque ao invés de fazer com que a multidão falasse a mesma língua, o Espírito Santo fez com que os discípulos falassem as línguas dos povos. Com isso, o Pentecoste consiste em um perfeito sinal do trabalho missionário e do cumprimento da promessa de Deus de estar com todos os povos. A vinda de Jesus Cristo, antes, e a do Espírito Santo, agora, eram o grande cumprimento da promessa e esperança de Israel de que Deus seria "Emanuel", um Deus Conosco, presente entre nós. Esse fato foi motivo de celebração. O Pentecoste é o movimento inverso de Babel.

3. Quais foram os três "Pentecostes" narrados em Atos e o que eles representam na narrativa sobre o nascimento e os primeiros anos de vida da Igreja?
Resposta: Pentecoste judaico, em Atos 2; Pentecoste samaritano, em Atos 8; Pentecoste gentio, em Atos 10. Eles evidenciam o trabalho do Espírito Santo por meio da igreja, rompendo as barreiras étnicas e, de modo surpreendente para a jovem igreja, concedendo a bênção do Espírito a outros povos além do povo judeu. Eles marcam a expansão da igreja seguindo a ordem de Atos 1.8.

4. A partir do que vimos até aqui, qual foi a importância da igreja em Antioquia no livro de Atos?
Resposta: Em Antioquia se formou um ministério híbrido, isto é, uma igreja composta por judeus nazarenos e por gentios. Assim, aquela era uma igreja heterogênea e focada em obras sociais e na propagação do evangelho. Nesse contexto, Paulo desenvolveu a sua pregação a respeito da salvação pela fé e graça de Deus, marcando a transição do mundo judaico para o mundo gentílico. Foi em Antioquia que os discípulos foram chamados de cristãos.

Até os confins da Terra

1. Em qual contexto e em qual carta surge o ensino de Paulo sobre a justificação pela fé? Qual é o tema central dessa carta?
Resposta: No contexto em que os gentios convertidos ao evangelho estavam sendo ensinados a se sujeitarem à lei, isto é, se tornarem judeus para serem salvos. A Carta aos Gálatas traz o ensino enfático de Paulo sobre a justificação pela fé como graça de Deus concedida igualmente a judeus e a gentios, de modo que ambos são recebidos em suas condições originais: judeus como judeus e gentios como gentios. A obra libertadora de Jesus Cristo é para todos, sem distinção.

Por isso, o tema central de Gálatas é a liberdade do pecado para uma vida de amor, obediência e santificação: o fim de uma vida "na carne" para a jornada de uma vida "no Espírito".

2. O que foi o Concílio de Jerusalém e o que foi decidido?
Resposta: Foi uma reunião da liderança da igreja para discutir a questão da pregação do evangelho aos gentios: eles deveriam ser circuncidados e passar a obedecer a lei de Moisés para serem salvos, ou não? Após os testemunhos de Pedro, Paulo e Barnabé sobre a ação do Espírito Santo entre os gentios, ficou decidido que eles não estavam obrigados à lei judaica, mas deveriam apenas evitar coisas que tornavam um judeu praticante impuro de sua fé. Do mais, eles eram livres.

3. Qual foi a importância da cidade de Éfeso no ministério de Paulo?
Resposta: Éfeso foi a cidade na qual Paulo permaneceu por mais tempo. Ao todo, foram três anos de um ministério frutífero. Ali ele batizou os doze discípulos de João Batista, formou uma base missionária por meio da qual evangelizou as cidades vizinhas e escreveu as valiosas cartas aos coríntios. Foram anos de intensas lutas para Paulo, como se observa nas duas cartas aos coríntios.

4. Qual é a perspectiva de Lucas sobre a prisão e os sofrimentos de Paulo?
Resposta: Lucas narra essas circunstâncias como providência divina para levar o evangelho de Jesus até os "confins da Terra", isto é, a cidade de Roma.

5. De que maneira a vida de Paulo exemplifica o caminho do discípulo de Jesus Cristo? Como ela nos encoraja?
Resposta: Lucas mostrou que a vida de Paulo como um discípulo de Jesus Cristo foi de muita rejeição, injustiças, sofrimentos e prisões. Todavia, isso não significa fracasso quando se tem a perspectiva de Cristo. Paulo pagou o preço do discipulado e foi poderosamente usado por Deus para a salvação dos gentios, para a formação de igrejas em diversas cidades do império, na formação de novas lideranças para a geração seguinte e para escrever as cartas que hoje formam o Novo Testamento.

A continuidade da missão

1. Qual é a importância do livro de Atos?
Resposta: Ele é o registro sobre o início das igrejas cristãs e das viagens missionárias que levaram o evangelho do mundo judaico ao mundo gentílico. Atos mostra que o nascimento e a expansão da igreja é obra do Espírito Santo, que usa os discípulos para realizar esse trabalho. É por meio de Atos que temos conhecimento dessas histórias, especialmente dos ministérios de Pedro e Paulo.

2. Quais são as "cartas da prisão" e em qual contexto elas foram escritas?
Resposta: As cartas da prisão são quatro: Filipenses, Colossenses, Filemom e Efésios. Elas foram escritas por Paulo no contexto da primeira prisão em Roma, sendo possível que tenham sido escritas antes da chegada do apóstolo à capital do império, como em Éfeso ou Cesareia. De qualquer maneira, são cartas escritas em um tempo de severas acusações, julgamentos e prisão sofridos por Paulo.

3. O que as cartas 1 Timóteo e Tito têm em comum?
Resposta: Elas foram escritas por Paulo a jovens discípulos que ocupavam uma posição de liderança na igreja. Nelas vemos a preocupação de Paulo quanto ao futuro da igreja, razão pela qual ele as escreveu, dando conselhos e encorajamento aos jovens pastores para a realização do ministério e o preparo da liderança da igreja para enfrentar os desafios do seu tempo.

4. O que as cartas 2 Timóteo e 2 Pedro têm em comum?
Resposta: Ambas foram escritas por apóstolos que estavam às vésperas do martírio. Ambas são encorajadoras, demonstrando total segurança em Cristo para que os discípulos enfrentem os dias difíceis de oposição certos que já são vitoriosos, mesmo que venham a perder a vida de forma brutal neste mundo. São cartas escritas em tom de despedida e demonstram preocupação quanto à presença e a influência dos falsos mestres na igreja.

O fim da Era Apostólica

1. Em qual contexto os evangelhos foram escritos?
Resposta: A volta de Cristo estava demorando mais do que os primeiros cristãos esperavam. As testemunhas oculares da ressurreição de Jesus estavam morrendo. As novas gerações estavam nascendo, porém, não eram testemunhas diretas da vida, do ministério, da morte e da ressurreição de Jesus. Os evangelhos nasceram em torno das igrejas maiores, como fruto do testemunho que aqueles irmãos e irmãs davam acerca de Jesus Cristo.

2. Quais igrejas foram as mães dos evangelhos?
Resposta: Jerusalém foi a mãe do Evangelho de Mateus, Roma foi a mãe do Evangelho de Marcos, Antioquia foi a mãe do Evangelho de Lucas e Éfeso foi a mãe do Evangelho de João.

3. De que maneira a Carta aos Hebreus nos apresenta Jesus?
Resposta: Jesus é apresentado como o Filho de Deus e o Criador do mundo. Ao mesmo tempo ele é o Redentor do mundo (Hb 1:1-8). Assim, apresenta Jesus em aspectos eterno e histórico. O centro do argumento da carta é que Jesus é o mediador entre Deus e os homens justamente pela sua humanidade, por ter sofrido como os homens (Hb 2:9-18). Jesus é superior em tudo na relação à lei sacerdotal antiga, como um sacerdote obediente e submisso a Deus, aperfeiçoado no sofrimento (Hb 5:7-10). A consequência é a liberdade que temos para ir a Deus e sermos salvos (Hb 10:19-25).

4. O que o livro do Apocalipse, em síntese, nos apresenta sobre a realidade?
Resposta: Que embora aqueles cristãos estivessem vendo e padecendo sob o poder demoníaco do maior império que o mundo, o verdadeiro domínio não pertencia a ele. Era um poder completamente ilusório; o verdadeiro poder pertencia ao Senhor Jesus. O verdadeiro Rei e Senhor de toda a história é Jesus Cristo.

Bibliografia

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRUCE, F. F. *Paulo, o apóstolo da graça:* vida cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BRUCE, F. F. *História do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARSON, D. A., MOO, Douglas e MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Guaratinguetá (SP): A Voz Bíblica, s.d. 6 volumes.

CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*. 11. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

CULMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

CULLMANN, Oscar. *Pedro:* discípulo – apóstolo – mártir. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

DAVIS, J. D. *Novo dicionário da Bíblia* / Ampliada e Atualizada. São Paulo: Hagnos, 2005.

FEINBERG, John (editor). *Continuidade e descontinuidade:* perspectivas sobre o relacionamento entre o Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Hagnos, 2013.

GONZÁLEZ, Justo. *Atos, o evangelho do Espírito Santo*. São Paulo, SP: Hagnos, 2011.

HALLEY, H. H. *Manual bíblico*. São Luís: Evangélica, 1963.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no Tempo de Jesus*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 1983.

KAISER, Walter. *O plano da Promessa de Deus:* teologia bíblica do Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADD, George Eldon. *O Evangelho do Reino*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LIBERATI, Anna Maria e BOURBON, Fabio. *A Roma Antiga*. Barcelona, Espanha: Ediciones Folio, 2005.

LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1984.

MARSHALL, Howard I. *Teologia do Novo Testamento:* diversos testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

REICKE, Bo Ivar. *História do Tempo do Novo Testamento.* São Paulo: Paulus, 1996. (NCB – Nova Coleção Bíblica).

REINKE, André Daniel. *Aqueles da Bíblia:* história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

REINKE, André Daniel. *Atlas Bíblico Ilustrado.* 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2018.

REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia:* história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

STOTT, John R. W. A *Mensagem de Atos.* São Paulo: ABU, 2003.

VANHOYE, Albert. *Sacerdotes antigos e sacerdote novo segundo o Novo Testamento.* São Paulo: Academia Cristã, 2006.

WATSON, S. L. e ALLEN, W. E. *Harmonia dos Evangelhos.* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953.

WITHERINGTON III, Ben. *História e Histórias do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2005.

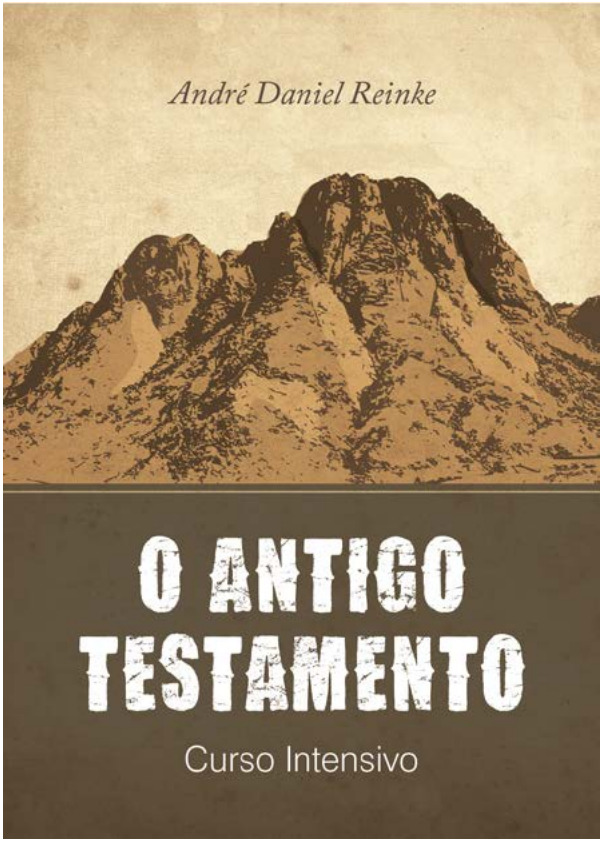
WRIGHT, N. T. *Paulo:* uma biografia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WRIGHT, N. T. *Como Deus se tornou rei.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

WRIGHT, N. T.; BIRD, M. F. *The New Testament in Its World.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2019.

WRIGHT, N. T. *Simplesmente Jesus.* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

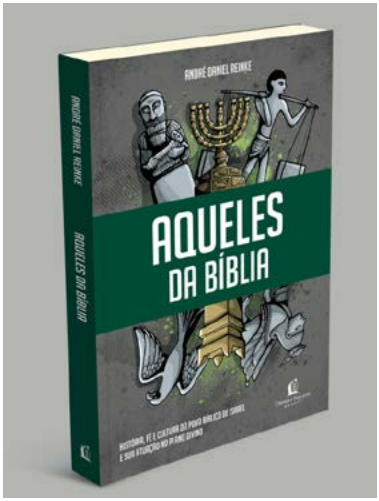
Faça também o curso:



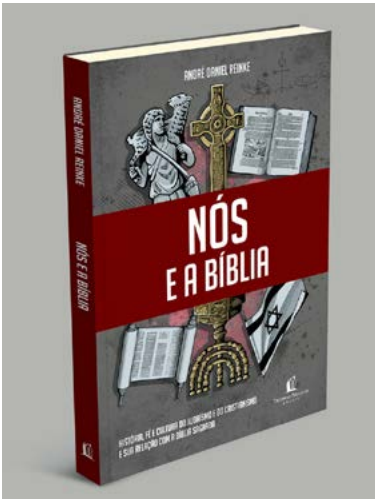
Baixe gratuitamente clicando em
https://andredanielreinke.com.br/antigo-testamento-curso-intensivo/

Conheça as publicações do autor deste curso:

Compre clicando em:
Físico: https://amzn.to/3LF3A0j
E-book: https://amzn.to/3tceELY

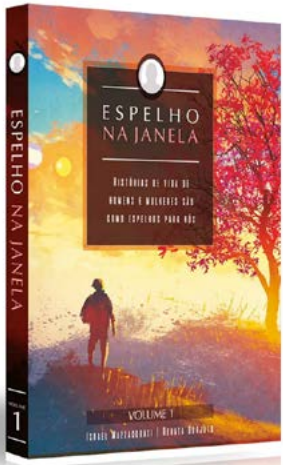


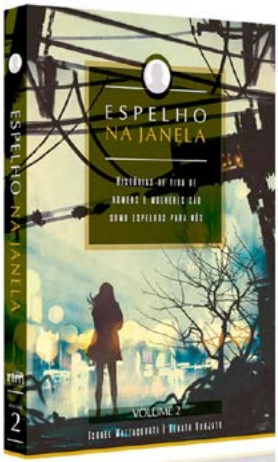
Compre clicando em:
Físico: https://amzn.to/3PURr9N
E-book: https://amzn.to/3ta5jEv



Compre clicando em:
Físico: https://amzn.to/3PYbQep
E-book: https://amzn.to/45bF5ia

Conheça as publicações dos autores deste curso:





Compre clicando em
https://loja.transmundial.org.br/livros/espelho-na-janela-volume-1
https://loja.transmundial.org.br/livros/espelho-na-janela-volume-2

Compre clicando em
https://loja.transmundial.org.br/livros/semana-da-reforma/de-volta-a-palavra

Saiba mais sobre esse maravilhoso curso clicando em
https://andredanielreinke.com.br/curso-de-historia-da-cultura-crista-1/

Conheça outras publicações e materiais gratuitos em
https://andredanielreinke.com.br/